

MagisCultura

60 anos
AMAGIS
ASSOCIAÇÃO
DOS MAGISTRADOS
MINEIROS

Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

Mineira

Abril de 2015

Aníbal Machado e o romance sem fim

**Olavo Romano,
o contador de 'causos'**

A arte de envelhecer

E MAIS:

**Dostoiévski, Manuel Bandeira,
contos, poesia, cinema**

13

SUMÁRIO

CAPA



Beleza ameaçada

Mais conhecidas por serem atrativos turísticos, as grutas [ou cavernas] são também importante espaço para estudos espeleológicos e da biodiversidade na terra, mas não têm merecido a atenção necessária para sua preservação. Em Minas Gerais, existem cerca de 4 mil cavernas, que correspondem a 40% do total existente no Brasil. Elas estão sendo mapeadas por projeto da Universidade Federal de Lavras / Fapemig e, embora protegidas por legislação específica (decretos 99.556/1990 e 6.640/2008), permanecem ameaçadas, especialmente pela intensa atividade mineradora. Caso o cuidado com sua proteção não



aumente, dentro de pouco tempo, além das enormes perdas impostas à pesquisa científica, não será mais possível sequer apreciar a beleza de grutas como a Poseidon que fica em Montalvânia, no norte de Minas, e tem desenhos rupestres pré-históricos picotados na pedra, que ilustra nossa capa e contracapa. (Fonte: Revista MINAS FAZ CIÊNCIA, set/out/nov 2014).

Foto: Sérgio Falci

LITERATURA

Aníbal Machado, o João Ternura

Gutemberg da Mota e Silva

04



RESENHAS

Fiódor Dostoiévski

Uma visão breve de Michkin e Aliocha

Luiz Carlos Biasutti

12



CONVIDADO ESPECIAL

Olavo Romano, o contador de 'causos'

Manoel Marcos Guimarães

16



O caminho de São Tiago

Olavo Romano

18



POESIA

Saudades de Bandeira

Lúis Carlos Gambogi

19

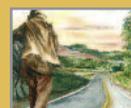


Contingências da vida

O andarilho

José Amâncio de Souza Filho

21



O milagre (I e II)

Llewellyn Davies A. Medina

22



Bodas siderais

Onde estão os nossos mortos?

João Quintino Silva

23



CONTO

O encontro político

Renato César Jardim

24



As mãos de Maicon

Wander Marotta

28



ENSAIO

A arte de envelhecer

Rogério Medeiros Garcia de Lima

32



CINEMA

Rondo Hatton, o verdadeiro 'Quasímodo' de Hollywood

Matheus Chaves Jardim

40



EDITORIAL

Ricas cavernas e almas

As riquezas dessa nossa Minas Gerais são tantas que não deveríamos nos surpreender quando somos apresentados a mais uma. Mas ainda assim nos surpreendemos quando sabemos, por exemplo, que estão aqui em nosso território 40% das cavernas e grutas de todo o Brasil, razão suficiente para destacarmos o tema em nossa capa, como fazemos nesta edição.

Cavernas, em geral, são lugares escuros, úmidos, às vezes assustadores e quase sempre habitat de fauna e flora absolutamente peculiares, em geral pouco conhecidas e estudadas, até mesmo pela dificuldade de acesso. Mas são também o repositório de preciosas relíquias de nossa pré-história, a revelar as origens do homem mineiro.

Nossas grutas são, ainda, locais de extrema beleza e encantamento, bastando citar para tanto a de Maquiné, a primeira artificialmente iluminada do país, não por acaso localizada na mesma região que nos deu o gênio de Guimarães Rosa.

Não seria exagero ou excesso fantasioso associar o que chamamos de 'espírito das cavernas' à alma do próprio homem mineiro, em geral reservado, e de difícil acesso, mas pleno de vida e de beleza.

É isto o que nos demonstra a presente edição da *MagisCultura*, que mais uma vez busca desvendar a alma universal do ser humano, seja pela análise de personagens imortais, como o João Ternura de Aníbal Machado e o Aliocha de Dostoiévski; ou pela criação de tipos como o 'Doutor Jurandir'; ou pela invenção poética livre; ou ainda pelo mergulho reflexivo na arte de envelhecer.

Tudo isso o nosso leitor encontrará nas páginas a seguir, a partir de textos de nossos colegas magistrados, que renovam a cada edição a certeza de que o rigor com que tratam das matérias judiciais de seu dia a dia soma-se à sua sensibilidade e criatividade.

Como corolário, o nosso leitor encontrará também o perfil e a leveza dos 'causos' de Minas recolhidos por Olavo Romano, um mestre contador de histórias e presidente da Academia Mineira de Letras.

Herbert Carneiro
Presidente

MagisCultura

Mineira

Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

ISSN 1984-5081

Amagis - Diretoria Triênio 2013-2015

Presidente: Desembargador Herbert Carneiro

Vice-presidente Administrativa: Juíza Luzia Divina de Paula Peixoto

Vice-presidente Financeiro: Juiz Luiz Carlos Rezende e Santos

Vice-presidente de Saúde: Juiz Maurício Torres Soares

Vice-presidente do Interior: Juíza Ivone Campos Guillarducci Cerqueira

Vice-presidente Sociocultural-Esportivo: Desembargador Tiago Pinto

Vice-presidente dos Aposentados e Pensionistas: Desembargador Tibagy Salles Oliveira

Diretor-secretário: Juiz Morvan Rabêlo de Rezende

Subdiretora-secretária: Juíza Maria das Graças Rocha Santos

Diretoras de Comunicação: Juízas Aldina de Carvalho Soares e Rosimere das Graças do Couto

Diretora do Centro de Estudos da Magistratura: Desembargadora Jane Ribeiro Silva

Vice-diretor do Centro de Estudos da Magistratura: Juiz Luiz Guilherme Marques

Diretores Culturais: Desembargador Guilherme Luciano Baeta Nunes,

Desembargadora Mariângela Meyer Pires Faleiro e Juiz Mauro Simonassi

Conselho Deliberativo: Juiz José Aluísio Neves da Silva (Presidente), José Roberto Sterse

(Vice-presidente) e Juiz Antônio Carlos Parreira (Secretário)

Assessores Especiais da Presidência: Desembargadores Tiago Pinto, Nelson Missias de Moraes, Reynaldo Ximenes Carneiro, Doorgal Gustavo Borges de Andrada e Márcio Aristeu Monteiro de Barros, Ministro Paulo Geraldo de Oliveira Medina, Juiz Lailson Braga Baeta Neves, Juiz Carlos Donizetti Ferreira da Silva e Juiz Marcelo Cavalcanti Piragibe Magalhães

Coordenador de Comunicação: Bruno Gontijo (MTb - MG 11008)

Conselho Editorial: Juiz Maurício Torres Soares (presidente), Desembargador Célio César Paduani, Juiz Daniel César Botto Collaço, Desembargador João Quintino Silva, Desembargador Luiz Carlos Biasutti, Juiz Renato César Jardim, Juíza Aldina de Carvalho Soares, Jornalista e escritor Carlos Herculano

Diretor da Revista: Juiz Renato César Jardim

Editor Responsável: Jornalista Manoel Marcos Guimarães (JP 1587/MG)

Proj. gráfico e editoração eletrônica: Rachel G. Magalhães (www.communicatio.com.br)

Ilustrações: Sandra Bianchi

Impressão: Rona Editora

Tiragem: 2.600 exemplares

• **Envio de textos para publicação:** leia normas na terceira capa



Aníbal Machado, o João Ternura

Gutemberg da Mota e Silva
Desembargador do TJMG, aposentado¹

Em carta a Otto Lara Resende, de Nova York, em 11 de outubro de 1946, o escritor Fernando Sabino diz, bem-humorado, que iniciara um ensaio sobre o romance e suas classificações: “Como, por exemplo: 1 – *Romances que começam e acabam* (José Lins do Rego, Graciliano Ramos). 2 – *Romances que começam e não acabam* (Octávio de Faria, Lúcio Cardoso). 3 – *Romances que acabam mas não começam* (Cyro dos Anjos). 4 – *Romances que não começam nem acabam* (Aníbal Machado).” [Cartas na mesa].

Refere-se, no item 4, ao então chamado *João Ternura*, lírico e vulgar, mitológico romance do mineiro Aníbal Machado, romancista, contista, poeta, ensaísta, crítico de arte e cinema e “animador cultural”, dir-se-ia hoje, obra esta que, embora iniciada pelo menos duas décadas antes, sendo famosa e muito elogiada mesmo sem sair, somente foi publicada, como João Ternura, em 1965, depois de o autor concluí-la, já doente, na cama, no final de 1963, e de falecer, aos 69 anos, em 19 de janeiro de 1964.

O memorialista Pedro Nava conta que quando começou a visitá-lo em 1922, no seu escritório no porão da casa do pai do escritor, o Coronel Virgílio Cristiano Machado, na Rua Tupis, em Belo Horizonte, Aníbal “já estava às voltas com o seu João Ternura” (Beira-mar).

Dez anos depois da carta, em 29 de janeiro de 1956, o poeta Manuel Bandeira contou na crônica “Ladainha” que, estando na maior fila de sua história (“era a do Tesouro, à uma da tarde insolativa”), soube que aquele era o dia de São Crisóstomo, cuja principal virtude era a **paciência**. Diante disso, ficou “enganando o tempo recitando mudamente uma improvisada ladainha, pedindo paciência” para, entre outras coisas, aguardar “a publicação, esperada há mais de vinte anos, do livro João Ternura, de meu querido amigo Aníbal Machado, que Deus o guarde.” (Poesia completa e prosa).

Preferia conversar, a escrever; ouvir, a ler

Dada a longa gestação, fez-se a piada: o autor –notabilizado sobretudo por antológicos contos, como *Viagem aos seios de Duília*, *O iniciado do vento*, *O telegrama de Ataxerxes*, *O piano*, *A morte da porta-estandarte* – já não escrevia sobre João Ternura, que “falecera”, mas sobre o filho do famoso personagem.

Na sucinta *Autobiografia* publicada em 1944 em *Diretrizes*, reproduzida em *A arte de viver e outras artes* (1994), Aníbal se explicou: “Prefiro antes conversar do que escrever; antes ouvir do que ler. Há muitos anos venho fazendo sem querer, com enormes interrupções, um livro interminável para o qual tenho um montão de notas e que é possível seja organizado um dia”.

Os Machado, nobre estirpe mineira

Nascido em 19 de dezembro de 1894 em Sabará, na chácara Nova Granja, na margem direita do Rio das Velhas, afluente do São Francisco, Aníbal Monteiro Machado era o quinto dos 11 filhos do Coronel Virgílio, “tipo romântico, de grandes barbas”, negociante catarinense, descendente de armadores e pescadores de baleia e que pertenceu à diretoria da Empresa de Navegação Fluvial do Rio das Velhas, e de Maria Helena Monteiro Machado (Marieta), de Caeté, conta o escritor e amigo Renard Perez, em *Escritores Brasileiros Contemporâneos – 1ª. série*, e na primeira edição de João Ternura.

Sobre o Coronel Virgílio, escreveu Paulo Pinheiro Chagas em *Esse velho vento de aventura*: “Viúvo, criara a numerosa família nos rígidos princípios em que se formara. (...) Soubera incorporar seu nome à mais legítima nobiliarquia espiritual de Minas, transmitindo aos seus uma educação aprimorada. De tal modo que Virgílio e os filhos granjeariam a tradição, de resto totalmente verídica, de serem as pessoas mais finas, mais polidas, mais atenciosas do patriarcado mineiro. E isso sem falar da inteligência, que era apanágio dessa família insigne, onde se contavam um Cristiano que acabou disputando a Presidência da República; um Lucas, médico e professor eminente da Faculdade de Medicina; um Aníbal, glória das letras nacionais e pai de João Ternura; (...) uma Lúcia, a notável escritora que todo o Brasil ama e admira (...) e já agora, na terceira geração, Maria Clara Machado, grande nome do teatro nacional”.

Amigo de um irmão de Aníbal, Paulo, Nava afirma em *Beira-mar* que este, “como todos os Machado (era) dotado de sense of humour, inteligência, gosto pelas coisas de arte e principalmente daquela convivialidade que sua família, sua irmandade levavam a um requinte igualado por pouca gente.”

O menino que amava o Rio das Velhas

Fernando Pessoa, em versos atribuídos ao heterônimo Alberto Caeiro, diz que o Tejo é mais belo do que o rio que corre pela sua aldeia, mas o Tejo não é mais belo do que o rio que corre pela sua aldeia porque o Tejo não é o rio que corre pela sua aldeia. José Paulo Cavalcanti Filho, biógrafo de Pessoa, nota que o rio de Caeiro é o mesmo Tejo, o do Ribatejo, na região central de Portugal, onde viveu o heterônimo, e só depois vai dar na Estremadura, onde está Lisboa, seguindo seu curso pelo Alentejo, até desaguar no mar. “Mas o rio do poema é outro, mais íntimo, aquele que Pessoa contempla da janela do seu quarto no largo de São Carlos, um rio que ‘pertence a menos gente’, apenas a uma criança triste” (Fernando Pessoa – uma quase autobiografia).

O menino Aníbal também amava um rio, o Rio das Velhas, tal como o pai, a quem a filha Lúcia Machado de Almeida dedicou seu livro *Passeio a Sabará*, “pois muito amou o Rio das Velhas”. Drummond chegou a dizer, na balada em prosa escrita

quando da morte do amigo, que Aníbal trazia o rio “no bolso, pois era montanhês de beira d’água, alegre, diferente dos coestaduanos.” (*Poesia completa e prosa*). E, tal como o menino João Ternura do romance acentuadamente autobiográfico, o menino Aníbal o atravessou a nado.

Na *Autobiografia*, Aníbal relata que, na infância, sua tia às vezes o levava ao Rio de Janeiro, e ele o adorava, sobretudo o mar, mas seu desejo era voltar para as montanhas de Minas, para a chácara às margens daquele rio, a dois quilômetros de Sabará: “Foi nas águas de um rio histórico, o Rio das Velhas, em Sabará, que as lavadeiras nos últimos anos do século passado atiraram o meu umbigo. (...) Esse rio de águas turvas até hoje ainda passa em mim. Quando ... comecei a distinguir as cousas, divisei na varanda da chácara onde nasci no alto de uma colina as torres de uma porção de igrejas da velha cidade colonial. Se o vento era favorável, de lá me chegavam, também, sons de sinos. Nessa varanda contraí certo hábito de contemplação. Vi passar as barcas do meu pai (o Rio das Velhas, então, dava calado), vi passar as velhas carolas, vi

“Foi nas águas de um rio histórico, o Rio das Velhas, em Sabará, que as lavadeiras nos últimos anos do século passado atiraram o meu umbigo. (...) Esse rio de águas turvas até hoje ainda passa em mim.”

chegar a cavalo o médico da cidade chamado para debelar a minha febre ou para ajudar o nascimento de mais um irmão”.

Adiante: “Da contemplação desse rio, passei à sensação física das suas águas. E antes dos dez anos, cambiado por um preto, filho ou neto de um dos escravos do meu bisavô, atravessei pela primeira vez a nado. É fácil supor que não dormi aquela noite, tamanha a minha emoção. Fora a minha primeira vitória contra a natureza”.

O rio de sua infância já não era o mesmo

Em 1929, com 35 anos, ele já lamentava que o rio não fosse mais o mesmo da sua infância: “Esse rio está envelhecendo e já expõe aquilo que nunca mostrara espontaneamente à cobiça dos reinóis – o seu leite, agora sem ouro, sem pedraria, sem importância. Nalgumas de suas praias ainda apodrecem, como carniças ao sol, carcassas (sic) de ferro da navegação extinta. Eu vi uma mulher atravessar o rio a vau, arregaçando a saia... Ela não podia perder a missa na colina da margem oposta. A ponte estava longe e o vigário era rápido. Essa cena (...) significava para mim a desmoralização completa da força do rio. E eu sentia a sem-razão do orgulho com que na infância atravessei pela primeira vez as suas águas... De vez em quando eu abria a janela e olhava para o bruto que o luar me mostrava embaixo. Entretanto, aquela mulher foi fazer aquilo...” (*Brasil, terra & alma* – Minas Gerais). Muito depois, nos *Cadernos de João* (1957), escreveria: “Nada mais aflitivo do que um rio seco e uma piscina vazia. Nada que mais relembre a vida que se foi, do que esses dois esqueletos da água”.

Esconde-esconde com as primas era proibido

Reprimia-se na chácara o desabrochar da sensualidade do menino João Ternura: “Esta casa está ficando horrível. Não se pode fazer mais nada... (...) Não se pode tomar banho de rio, por causa das imoralidades com as lavadeiras... (...) Não se pode brincar com as primas de esconde-esconde, que é um brinquedo muito bom... eu não sei por quê (...) Outro dia, só porque eu levantei um tiquinho a saia da criada, mamãe disse que vou entrar numa coça. Quem começou a levantar a saia da Josefina não fui eu, foi Isaac...”

Noutro momento, com medo do temporal, “Ternura acomodou-se do lado da tia. A cada nova faísca ele se pegava a ela. A tia o afastava, ele voltava, trêmulo, sem querer se desprender. Ela o empurrava, sai pra lá menino! O trovão trovejava e ele voltava de novo. Tia Marina afinal consentiu”. Mais relâmpagos, “e Ternura agarradinho ao corpo dela. O temporal amainou. A tia adormeceu, ou parecia adormecida. Era fino o linho da camisola que a separava de Ternura. Este, maravilhado, tremia de susto.”

Ainda na *Autobiografia*, conta: “Certa vez fora jantar em nossa casa uma menina de quatorze anos. Tão bestificado fiquei diante de sua beleza, que perdi o caminho da boca e já ia levando o garfo na direção dos olhos, quando a gargalhada de todos me interrompeu cruelmente e eu me retirei da mesa para chorar. Foi a minha primeira agonia diante de outra força da natureza. A adolescência havia chegado. Daí por diante comecei a frequentar o rio menos por ele do que pelas lavadeiras que batiam roupa às suas margens. Imagens de moças, de criadinhas e primas já me circulavam pelo sonho.”

Vontade secreta de incendiar o colégio

Aos 12 anos, Aníbal, com dois irmãos, foi internado no Colégio Dom Viçoso, em BH. *“Privado da vida ao ar livre, diz na Autobiografia, tornei-me retraído e tímido. Veio-me a vontade de aprender. Eu estimava bastante o diretor, mas tinha uma vontade secreta de incendiar o seu colégio”*, revoltado com seu desconforto, os percebejos no dormitório, o pouco espaço para jogar futebol, com bola de meia de mulher. [Ele jogou de meia-direita no Atlético Mineiro, sendo um dos seus fundadores. Segundo Humberto Werneck, em *O desatino da rapaziada*, Aníbal tinha então 14 anos, o apelido de Pingo, por sua *“figura miúda”* (adulto, tinha 1,63m), e fez o primeiro gol do clube].

Presepada: banho nu no tanque da praça

Estudou no Ginásio Mineiro, hoje Colégio Estadual Central, até o 5º ano. Completou o curso no Colégio Abílio, do Rio (o *“Atheneu”* do célebre romance de Raul Pompéia), e, em 1913, entrou na Faculdade de Direito, em Belo Horizonte. Transferiu-se para a Faculdade Livre de Direito, no Rio, mas retornou a Minas e concluiu o curso em 1917 naquela faculdade. Com o jurista Francisco Campos, tentou advogar. Sem vocação, desistiu.

Na época da faculdade, *“morando em pensões sórdidas de estudante”*, fez presepada típica da rapaziada intelectual com quem conviveria um pouco em Belo Horizonte: *“...uma vez, às 9 da noite, quando me banhava nu no tanque de uma das praças, já um guarda civil me perseguia aos apitos, até me esconder no porão da casa do senador Virgílio de Mello Franco, onde o seu neto Rodrigo me acolheu...”* – conta na *Autobiografia*.

“Ainda na faculdade, informa Perez, começou a ficar negligente e rebelde e a frequentar lugares pouco recomendáveis (talvez como solução à sua timidez diante das mulheres, que o faziam sofrer paixões platônicas, violentíssimas)”. Também nessa época começou a escrever. Integrou a redação do *Diário de Minas* e a de *O Estado de Minas* (não era o atual). Como Antônio Verde, escreveu na *Vida de Minas* e textos esporádicos em revistas modernistas.

Obrigado a prender, pediu desculpas ao preso

Terminou a faculdade noivo de Aracy Jacob, de Ouro Preto. Casado, promotor de Justiça, foi em 1919 para Aiuruoca, sul de Minas. A cidade não tinha *“nem padaria nem luz elétrica”*. Da sala do juiz dava furtivos adeuses à mulher, pois moravam na casa em frente. Ali passou um ano e nasceu Maria Celina, a primeira das cinco filhas *“Maria”* do primeiro casamento.

Voltou a BH. Foi nomeado em 1921 professor interino de História Universal do Externato do Ginásio Mineiro. Morava na casa do pai, na Rua Tupis. No seu escritório, no porão, havia cerca de 500 livros, conta Nava, que o conhecia desde quando ele namorava Aracy no bairro Floresta. Aníbal lhe emprestou livros de autores franceses e o aconselhou a conhecer Drummond.

Mudou-se para o Rio em 1923. Assumiria o cargo de promotor-adjunto. A nomeação demorou. Aceitou ser delegado de Polícia na Ilha do Governador. Tinha horror ao cargo, nele passou somente seis meses, agindo como delegado apenas duas vezes, conta Perez: *“Uma delas quando, controlando as eleições, prendeu o comandante do destacamento da ilha, que*

estava de pileque... A cena foi cômica: enquanto segurava o braço do homem, que tinha o dobro de sua altura, mas que docilmente se deixava prender, Aníbal pedia-lhe desculpas por se ver obrigado a tomar tal atitude.”

Perdeu a mãe, a mulher, o filho e os empregos

Promotor-adjunto em 1924, exerceu a função *“muito mal”*, diz Perez. Dadas as constantes licenças por seu precário estado de saúde e a falta de vocação, desistiu do cargo, vitalício, passando a catedrático interino de Literatura do Colégio Pedro II. A partir de 1927, foi oficial de gabinete do Ministério da Justiça.

Publicou em *Estética*, em 1925, seu primeiro conto: *O rato, guarda civil e o transatlântico*. Em 1926 iniciou a redação de João Ternura, de que publicou fragmento na *Revista de Antropofagia*, dirigida por Oswald de Andrade, grande entusiasta do romance inédito (falecido em 1954, não viu a obra acabada), mas passou mais de 20 anos sem tocar no romance (só o retomaria em 1956). Veio a Revolução de 1930. O irmão Cristiano Machado, que fora prefeito de BH de 1926 a 1929, a liderava em Minas. Teve de deixar o cargo no Ministério. Sofreu outras grandes perdas em 1930: a mãe e a esposa, de parto do primeiro filho homem, natimorto, e, não concursado, perdeu a cadeira no Pedro II.

“Sofreu outras grandes perdas em 1930: a mãe e a esposa, de parto do primeiro filho homem, natimorto, e, não concursado, perdeu a cadeira no Pedro II.”

“Queria ser freira,
mas sobreveio
o pedido de
casamento,
feito em carta
que ele mandou
a caçula pôr à
noite no seu sapato,
na porta do quarto.”

Pediu a mão da cunhada em carta no sapato

A irmã de Aracy, Selma, com apenas 17 anos, ajudava-o na criação das meninas (Maria Celina, Maria Clara, Maria Luísa, Maria Ethel e Ana Maria), a maior com nove anos, a menor, com quatro. Queria ser freira, mas sobreveio o pedido de casamento, feito em carta que ele mandou a caçula pôr à noite no seu sapato, na porta do quarto. Casaram-se em 3 de junho de 1931. Tiveram uma filha, Aracy Maria.

Na praia, gozava o mar e fugia dos credores

Desde 1930 era precária a situação financeira de Aníbal, que devia bastante. “*Sem trabalho, sem aptidões para a vida prática, apenas com o dinheiro que meu pai me mandava com esforço, passei quase dois anos na praia, esperando dar um jeito na vida. Ir à praia era ao mesmo tempo gozar o mar e fugir dos credores*” – confessa na *Autobiografia*. Dava aulas em colégios particulares. Publicou no *Boletim de Ariel*, em 1931, *A morte da porta-estandarte*, considerado, num concurso da *Dom Casmurro*, um dos nossos 10 melhores contos.

A situação melhorou em 1933, com o cargo de distribuidor na Justiça do Rio. Estabilizou-se em 1935 ao assumir o de oficial do 5º Cartório do Registro Civil. Morava em Copacabana, na Rua Francisco Sá, nº 12, onde, aos domingos, iam jantar os amigos mais íntimos, como Drummond, Dante Milano e Murilo Mendes. As filhas, lideradas por Maria Clara, futura autora de peças, como *Pluft, o fantasma*, armavam um circo e se apresentavam para eles. Foi o embrião do *Teatro Tablado*, fundado com o pai e outros em 1951, e das famosas reuniões dominicais na nova moradia da família.

As “domingueiras do Aníbal”

Em 1937, Aníbal comprou um sobrado branco, de janelas verdes, na Rua Visconde de Pirajá, 487, Ipanema, no qual as reuniões dos domingos, às 9 da noite, foram ampliadas. Frequentavam-nas escritores, músicos, pintores, artistas, jornalistas, poetas, “*não raro, alguns penetras, que não resistiam à tentação de conhecer as famosas ‘domingueiras do Aníbal’*”, escreve Jorge Leão Teixeira em *Visconde de Pirajá, 487: as domingueiras de Aníbal Machado*, organizado pela atriz Celina Whately.

Na sala da casa, dançava-se, representava-se, e conversava-se sobre a vida, literatura, teatro, política, amor, futebol, cinema (grande paixão de Aníbal). Na copa, havia disputada mesa de futebol “totó”, cerveja, batida. A biblioteca, seu estúdio, ficava no fundo do terreno. Ali escrevia e recebia os mais íntimos.

Entre outros, iam lá Drummond, Vinícius, Rubem Braga, Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos, Cony, Carpeaux, Cecília Meireles, Portinari, Guignard, Goeldi, Di Cavalcanti, Tônia Carrero e Eneida, sua secretária e uma de suas amigas femininas. Por lá passaram Sartre, Camus, Neruda, Gabriela Mistral (todos Nobel de Literatura), Simone de Beauvoir e Orson Welles. Sem se identificar, tolerava até os penetras que não o conheciam. Certa vez, um deles o chamou para beberem num bar próximo. Recusou, dizendo que iria dormir com a dona da casa.

Vinícius dançava foxtrote e *boogie-woogie* com as filhas de Aníbal. Inspirado nas “*Machadinhas*”, fez versos de circunstância,

transcritos em *Visconde de Pirajá*. Estrofes iniciais: “No ninho de Selma e Aníbal Machado / Havia seis lindas Machadinhas / Quando Aníbal ou Selma chamavam (sic) / Acudiam as seis lindas Machadinhas. / Estavam todas sempre em casa / Todas com o nome Maria / Se eu não fosse homem casado / Não sei com qual casaria”.

Candidato sem campanha, teve apenas 10 votos

Comprou em 1943 uma casa em Vassouras, onde gostava de escrever. Eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores em 1944, presidiu em janeiro de 1945, em São Paulo, o *I Congresso Brasileiro de Escritores*. Sem eloquência, com sua voz apressada, discursou na abertura. A *Declaração de Princípios* então aprovada foi importante para a queda da ditadura do Estado Novo. Ainda em 1945, embora morasse no Rio, candidatou-se a Deputado Federal pelo PCB em Minas. Sem campanha, teve só 10 votos.

A partir da candidatura de Cristiano Machado à Presidência da República pelo PSD, em 1950, muitos bajuladores lhe davam presentes (perus, vinhos, frutas), tantos que, uma vez, posou sorrindo para uma foto diante de sua geladeira aberta e abarrotada. Em carta de 25 de maio de 1950, publicada em *Visconde de Pirajá*, Aníbal diz a Maria Clara, na época em Paris: “Se o Cristiano se eleger, não sei como será minha vida aqui; provavelmente irei para longe, para a França, talvez. (...) Estou mais do que enjoado de minha importância mundana. Tudo falso, tudo longe da minha realidade interior..”

Em declaração à *Manchete*, em parte transcrita no citado livro, Maria Clara afirma que a bem frequentada casa do pai “começou, então, a ser povoada por bicheiros, gente de toda espécie e seus amigos foram desaparecendo aos poucos do convívio. Mas, graças a Deus, tio Cristiano perdeu a eleição...” [Ganhou-a Getúlio Vargas, do PTB. Difundiu-se a versão de que fora traído pelos próprios correligionários, que nos bastidores apoiaram o vencedor. Cunhou-se, então, o termo “cristianização”, significando traição política].

Contos antológicos, o destaque da obra escassa

Aníbal escreveu a quarta parte (*O mar triunfante*), do romance coletivo *Brandão entre o mar e o amor* (1942). [No início dos anos 1920, em BH, fora um dos coautores de *O capote do guarda*, romance coletivo em folhetins em *O Estado de Minas* (não o atual). Nava diz em Beira-mar ter lido uns capítulos, como o de Milton Campos].

Mas o ponto alto de sua escassa obra são os contos, cinco deles publicados, aos 49 anos, em *Vila feliz* (1944). Seguiram-se os livros *ABC das catástrofes – Topografia da insônia* (1951) e *Poemas em prosa* (1955), depois reunidos, revistos e aumentados, nos *Cadernos de João, poemas em prosa, fragmentos, reflexões lírico-filosóficas*. Neles, há preciosidades como esta: “Mais triste do que o apito longe de um trem que atravessa a noite e não nos leva – viagem perdida – é a música de uma festa distante de que não participamos – alegria roubada. Ou nos aproximamos para dançar também, ou nos afastamos até não mais se ouvir a música, que exaspera em nós uma solidão maior..”

Aos contos de *Vila feliz* foram acrescentados sete inéditos em *Histórias reunidas* (1959). Do mesmo ano de *João Ternura* (1965)

“Maria Clara afirma que a bem frequentada casa do pai ‘começou, então, a ser povoada por bicheiros, gente de toda espécie e seus amigos foram desaparecendo aos poucos do convívio.’”

é *A morte da porta-estandarte* e *Tati, a garota e outras histórias*, novo título de *Histórias*. Publicou ainda ensaios e crítica de arte. Pelas editoras da UFMG e da Universidade Federal de Santa Catarina saiu *Parque de Diversões – Aníbal Machado, inéditos esparsos* (1994).

João Ternura, retrato interior do autor

Perez nota que *João Ternura* não se apresenta com estrutura tradicional de romance: “*Às recordações de sua infância em Sabará, captadas numa aura surrealista e que dão a primeira motivação da obra, vai o autor acrescentando episódios que lhe são trazidos pela vida afora e lhe marcam a sensibilidade: seu encontro com o Rio, a descoberta do carnaval, sua integração progressiva no íntimo da cidade. (...) Na verdade, não é João Ternura senão uma figura simbólica, de que se serve o romancista para traçar uma espécie de retrato interior, onde se reflete a sua interpretação da vida.*”

“Às recordações de sua infância em Sabará, captadas numa aura surrealista e que dão a primeira motivação da obra, vai o autor acrescentando episódios que lhe são trazidos pela vida afora e lhe marcam a sensibilidade.”

Nava diz em *Beira-mar*: “*João Ternura nasceu de todas as idades que Aníbal ia atravessando e é o resumo poético de sua fabulosa experiência através da vida.*” Mas, para o crítico Wilson Martins, *João Ternura* teria sido um grande romance se contemporâneo, por exemplo, de *Macunaíma*, de Mário de Andrade (1928), quando poderia exercer influência decisiva, alterar os quadros da evolução futura do romance modernista, mas não o foi, pois “*não se escreve a história que poderia ter sido.*” (*Pontos de vista*, v. 6). O escritor Ascendino Leite também ficou decepcionado, dizendo que o romance nos lega uma “*pobre epigrama sobre a pequenez do homem.*” Mas louvou a “*qualidade espiritual do estilo, a prosa do contista, quase sempre guiado por um vivo sentimento de piedade pelo homem e por seu singelo destino...*” (*A velha chama*).

Aníbal traduziu obras de Tchekhov, Bernanos e Kafka, uma de cada. A peça *O piano*, baseada no seu conto homônimo, valeu-lhe prêmio da Academia Brasileira de Letras. Foi cofundador de quatro grupos teatrais. *Viagem aos seios de Duília* e *O iniciado do vento* foram filmados.

“Muito livro foi ali batizado”

Em “*Presença de Aníbal*”, em João Ternura, o crítico Otto Maria Carpeaux diz que muitos dos que passaram pela casa de Aníbal “*receberam iniciação literária e muito livro foi ali batizado*”, e que “*sua influência foi, em grande parte, oral*”. Chamava a atenção para livros novos, recomendava leituras, sugeria enredos, lia originais de novos, estimulava os autores, introduzia-os em revistas, jornais, editoras, pedia críticas aos confrades, fazia crítica, raramente escrita, muitas vezes em conversa. Em várias áreas culturais, “*foi um animador sem par*”, inspirando os novos e até quem já não o era. “*Nenhuma estatística verificará jamais quantos livros importantes, bons ou sofríveis (...) foram concebidos naquela sala da Rua Visconde de Pirajá; e quanta música boa se inspirou nos cantos folclóricos ali ouvidos.*”

Além disso, procurava ajudar a todos. Em depoimento reproduzido em *A arte de viver*, Paulo Mendes Campos afirmou que “*todo mundo era amigo*” dele: os perseguidos, os com defeito físico, moral ou psíquico, os infelizes, os que perdiam um amor, os muito necessitados de dinheiro, de um prefaciador inteligente ou um leitor para seus originais, os solitários, os em busca de cura para embriaguez ou vício do fumo, os carentes, os que vinham de longe ou partiam, “*todos procuravam Aníbal Machado*”.

Ele todo era uma casa, de mesa posta e luz acesa

Aníbal morreu de câncer do pulmão às 20h de 19 de janeiro de 1964, na Casa de Saúde São Vicente, Rio. Confessara-se ao padre chamado pela mulher (era comunista, mas punha as filhas em colégios religiosos e exigia que fossem à missa), despedira-se de cada uma, deixara abraços e pedira perdão à família por suas faltas. Assim se foi quem, como disse Drummond na balada, “*muitos ajudou a viver, e a não sei quantos salvou de si mesmos, do tédio, da solidão e da segura, pois ele todo era uma casa, de mesa posta e luz acesa, para o desesperado e o bêbedo...*”

Ali agonizava o espírito de uma época

Ivan Junqueira acentuou em Visconde de Pirajá que aquelas “*caleidoscópicas confraternizações intelectuais*” eram “*uma incrível e insólita festa democrática, pois todas as tendências da arte, da cultura e da política ali conviviam num clima de paz e cordialidade que nunca mais vi em lugar nenhum e que, provavelmente, nunca mais se verá nesta cidade, pois naquela casa, sem que o soubéssemos, agonizava o espírito de toda uma época.*” Com a morte de Aníbal, “*a casa emudeceu para sempre, tendo sido recentemente demolida. De tudo resta apenas uma placa alusiva na calçada.*”

Nem isso. Marcus Aníbal, neto de Aníbal, conta no mesmo livro que no local há hoje “*um prédio de 15 andares com uma galeria embaixo, a Galeria 487, em cuja calçada, em frente, a Prefeitura colocou uma placa dourada com os dizeres: ‘Aqui morou o escritor Aníbal Machado’.*” Mas acrescenta: “*Esta placa foi roubada.*”

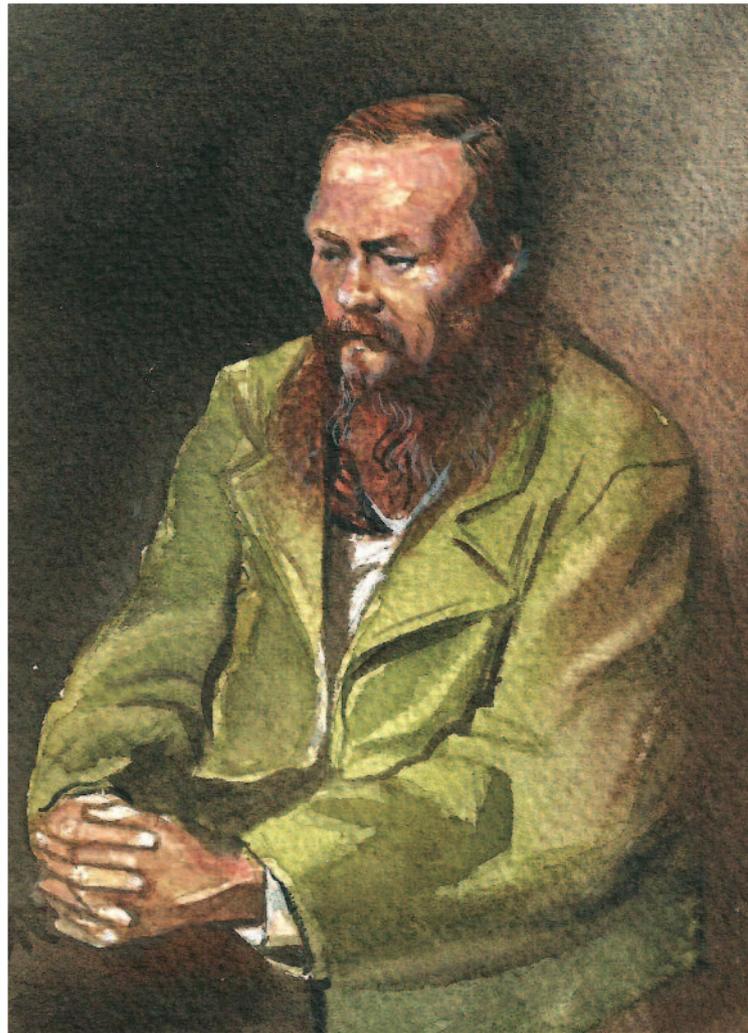
Obras Consultadas De Aníbal Machado

- João Ternura, 1ª. ed., Rio de Janeiro: Livraria José Olympio e Editora (LJOE), 1965;
- Cadernos de João, 1ª. ed., Rio de Janeiro: LJOE, 1957;
- A morte da porta-estandarte e Tati, a garota e outras histórias, 8ª. ed., Rio de Janeiro: LJOE, 1977;
- A arte de viver e outras artes, 1ª. ed., Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1994;
- Parque de diversões – Aníbal Machado, 1ª. ed., org. de Raúl Antelo, BH e Florianópolis: Editoras da UFMG e da UFSC, 1994;

Outras

- *Escritores Brasileiros Contemporâneos*, 1ª. série, 2ª. ed., Renard Perez. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970;
- *Visconde de Pirajá, 487: as domingueiras de Aníbal Machado*, 1ª. ed., org. de Celina Whately, Rio: Nova Fronteira, 2011;
- *Beira-mar*, 6ª. ed., Pedro Nava, São Paulo: Atelier Editorial, 2003;
- *O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais (1920-1970)*, 2ª. ed., Humberto Werneck, São Paulo: Companhia das Letras, 2012;
- *Cartas na mesa*, 2ª. ed., Fernando Sabino, Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 2002;
- *Manuel Bandeira - Poesia completa e prosa*, vol. único, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2009;
- *Carlos Drummond de Andrade - Poesia completa e prosa*, vol. único, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1977;
- *Brasil, terra & alma – Minas Gerais*, seleção de textos: Drummond, Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1967;
- *A velha chama – Jornal literário*, 1ª. ed., Ascendino Leite, Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974;
- *Pontos de vista (Crítica literária)*(1964/1965), v. 6, 1a. ed., Wilson Martins, T.A. Queiroz, Editor, São Paulo, 1991.
- *Fernando Pessoa – uma quase autobiografia*, 5ª. ed., Rio de Janeiro: Record, 2011.

“Todas as tendências da arte, da cultura e da política ali conviviam num clima de paz e cordialidade que nunca mais vi em lugar nenhum e que, provavelmente, nunca mais se verá nesta cidade, pois naquela casa, sem que o soubéssemos, agonizava o espírito de toda uma época.”



Fiódor Dostoiévski

Uma visão breve de Michkin e Aliocha

Luiz Carlos Biasutti

Desembargador do TJMG, aposentado

Nas nossas aulas de filosofia, o saudoso Frei Ferdinando Siluzio de Sortino, professor formado em Roma, um belo dia exaltou a literatura russa, principalmente a figura do imortal Dostoiévski, na grandeza de seus romances surpreendentes. Em resumo, disse que encontraríamos na obra do grande autor russo manifestações do espírito humano em teses profundas. Foi uma surpreendente revelação, já que os italianos davam mais valor ao romance “*Os Noivos*”, de Alexandre Manzoni.

E foi assim que, aos 17 anos de idade, pela primeira vez, comecei a ler dois romances do grande gênio. Li e reli “*O Idiota*”. Para mim, um mundo tão diferente! O filósofo católico Romano Guardini, a quem se deve uma das análises mais profundas da obra de Dostoiévski, no seu livro “*O Universo Religioso de Dostoiévski*”, chega a afirmar que “*nele é o Cristo quem se manifesta*”. E esclarece: “*Michkin não é o Homem-Deus, nem um segundo Cristo. É o homem que tem nome: Liév Nikoláievitch Michkin. Sua existência se compõe de elementos puramente humanos: corpo e alma, afeição e alegria, herança e pobreza, acaso e delírio*”. (Volume III, obras completas, 1963, pág.132)

Na edição de 2013, da Editora 34 (São Paulo), na contracapa há uma opinião bem real: “*Escrito em meio às crises de epilepsia, perturbações nervosas, viagens – e sob dívidas de jogo –, ‘O Idiota’ é um desses livros em que o leitor reconhece de imediato a marca do gênio. Nele, Dostoiévski constrói um dos personagens mais impressionantes de toda a literatura mundial – o humanista e epilético príncipe Michkin, mescla de Cristo e Dom Quixote, cuja compaixão sem limites vai se chocar com o desregramento mundano de Rogójin e a beleza enlouquecedora de Nastácia Filippovna. ‘O Idiota’, único na literatura universal pelas suas descrições das personagens, onde as paixões, loucura, crime e mistério de ressonâncias evangélicas são envolvidos no decorrer da história. A tradução de Paulo Bezerra, a primeira realizada diretamente da língua russa em nosso país, traz para o leitor brasileiro toda força da narrativa original. É um romance de maturidade, escrito em 1863*”.

Depois de muitos anos, ganhei de minha filha o livro interessante “*Crítica e profecia – A filosofia da religião em Dostoiévski*”. O livro é o resultado das aulas ministradas pelo professor Luiz Felipe Pondé no programa de pós-graduação em Ciências de Religião da PUC – São Paulo. Pondé toma como base as obras e as personagens do escritor russo e estuda com seus alunos o pensamento de Dostoiévski, no que diz respeito aos temas e anseios profundos do ser humano. Mais uma vez, temos

de nos deliciar com o aspecto da intelectualidade e filosofia na obra de um dos maiores escritores de todos os tempos.

O professor demonstra que “*a mística ortodoxa é marcada por um otimismo bem peculiar, facilmente perceptível, por exemplo, no olhar que o príncipe Michkin lança, por vezes, a Nastácia Filippovna, capaz de enxergar nela uma beleza sublime, completamente encerrada na sua condição de natureza, ou mesmo na beleza da relação que Aliocha (o jovem monge) de ‘Os Irmãos Karamazov’ tem com as crianças*”. (Op.cit. pág. 287/290)

Cenas como a da bofetada que recebeu o príncipe impressiona o leitor pela dupla reação do príncipe, que sorriu e depois chorou preocupado com o sofrimento que o ofensor deveria ter, ao se arrepender amargamente por ter sido violento contra um epilético, vítima de uma brutalidade injusta.

Um príncipe entre dois amores

Tentarei fazer um brevíssimo resumo do romance “*O Idiota*” que Dostoiévski considera sua obra mais profunda.

A história tem início com a viagem de volta do príncipe Michkin para a Rússia, depois de passar uma temporada internado na Suíça em clínica especializada em epilepsia. Viaja na terceira classe do trem, com quase nada de bagagem. Na viagem, sofre zombaria de passageiros, principalmente de Rogójin, um mau elemento que terá papel importante na trama do romance.

Chega em São Petersburgo sem dinheiro, sem conhecer ninguém, só com a roupa do corpo. Michkin, ao chegar na antiga capital do Império Russo procurava a família de um general que era casado com sua parente. O general tem três filhas e das três, Aglaia, a mais bela, se apaixona por Michkin. Sonhadora, ela cria a fantasia que o príncipe Michkin será um grande revolucionário que deverá modificar o Império Russo. O sonho dela será um fracasso. Acontece que o príncipe, em suas andanças noturnas, conhecerá Nastácia Filippovna, mais voluptuosa que Aglaia. Toda a história gira entre as duas mulheres que estão apaixonadas pelo príncipe. Mesmo apaixonado por Aglaia, o príncipe Michkin julga ter uma responsabilidade moral, um amor puro por converter Nastácia Filippovna para o caminho de Deus, pois vê que ela está completamente perdida.

Acontece que Rogójin, o mau elemento, não suporta esta aproximação do príncipe com Nastácia e jura vingança. Aglaia acaba deixando Mishkin e casa-se com um vigarista polonês que

“Em verdade, em verdade vos digo que se o grão de trigo que cai na terra não morrer, fica infecundo; mas se morrer, produz muito fruto.”

só quer tomar dinheiro da filha do general. Mesmo sabendo que Rogójin é um facinora, Nastácia Filippovna procura-o e acaba sendo assassinada. Sobre o seu cadáver, o príncipe Michkin tem uma grande crise de epilepsia.

Há muita coisa interessante nestas 679 páginas do romance e só na leitura atenta se pode dizer sobre o fim do “idiota”.

Os Karamazov, uma família problemática

Este romance de Dostoiévski é sua última obra. A mais densa e a mais complicada. E é realmente seu canto do cisne, pois foi publicado em 1880 e no começo de 1881 o autor viria a falecer. A lista dos principais personagens do romance é de 46 nomes, segundo o comentário de Paulo Bezerra, às páginas 1001 e 1002 da citada edição da Editora 34.

Interessante que neste romance Dostoiévski fez um prefácio dedicado à sua segunda esposa. A companhia e dedicação de Anna Grigoryevna Dostoyevskay lhe permitiram a calma e a estabilidade necessárias à realização de seus últimos e melhores romances. Ele cita como introdução o evangelho de São João, capítulo XII, versículos 24 e 25:

“Em verdade, em verdade vos digo que se o grão de trigo que cai na terra não morrer, fica infecundo; mas se morrer, produz muito fruto.”

E logo declara: “Ao começar a biografia do meu herói, Alieksiêi (Aliocha) sinto-me um tanto perplexo.” No prefácio, Dostoiévski procura explicar o inexplicável. Talvez o leitor venha a ter as maiores dúvidas e pode até lembrar-se de estar diante de uma grande **aporia**, no sentido aristotélico.

Paradoxo nascido da existência de raciocínios correntes e plausíveis que alcançam conclusões contrárias, sem saída, conforme o Dicionário Houaiss de língua portuguesa, Editora Objetiva.

Dostoiévski levou três anos para concluir esta obra. A longa história trata de uma família bem avacalhada. O velho Karamazov é um personagem debochado, cínico, imoral, sem freio na bebida, que acaba gerando uma prole de maus elementos: Smerdiakov, filho fora do casamento, Dimitri e Ivan, filhos do primeiro casamento. Dimitri, um anormal, degradado pela epilepsia, fiel discípulo da personalidade paterna, capaz de gestos nobres e gestos vis e capaz de caminhar para o crime. Ivan é um intelectual frio, procura viver por si mesmo no instinto agnóstico. É um indivíduo que nega os princípios da sociedade em que vive. Nessa família tão sem princípios nasce o terceiro filho: Aliocha, figura angélica, cristão ideal que perdoa os defeitos do pai e irmãos. Como no romance ‘O Idiota’, o jovem Aliocha traz uma lembrança de Cristo, olhando a humanidade para salvá-la das iniquidades.

Em resumo, o velho pai sem escrúpulos, rico por praticar golpes nos outros com astúcia e safadeza, é assassinado. Aí aparece o pensamento dos filhos com suas filosofias. Todos os três se julgam de algum modo culpados. O mais velho porque manifestou aos outros que não tolerava o pai e sabia que ele tinha dinheiro pela morte da primeira esposa; o segundo, pela sua filosofia de ateu, livre pensador; já o mais novo, Aliocha, porque poderia converter seus irmãos para o bom caminho da religião.

Antes da misteriosa morte do pai houve vários episódios importantes:

- Um encontro no mosteiro onde esperavam a palavra do monge Zossima, considerado um santo, sobre o pedido de Aliocha para ir ao mosteiro e se tornar monge;
- O processo com delírios sobre Mitia;
- As investigações preliminares e outros fatos interessantes, como o pesadelo de Ivan;
- Um erro judiciário e o admirável Epílogo onde o jovem monge Aliocha faz um belo discurso e convida os jovens presentes no cemitério para uma refeição no estilo russo.

O assassino? Quem ler descobrirá!

Para muitos foi uma obra prima em que Dostoiévski conduz o leitor a uma viagem pelos recantos mais sombrios e mais luminosos da alma humana...

Socialismo cristão

No fundo, há uma filosofia de religião em Dostoiévski. Como jornalista, ele pregava um socialismo cristão respeitando o Czar e o progresso. Sofreu perseguição, foi condenado à morte, pena substituída por degredo na Sibéria. Sofreu, mas voltou com indulto. Milhares de pessoas assistiram seu sepultamento: Lenin estava com 11 anos e Stalin com dois. O primeiro vivia na Suíça para iniciar a experiência comunista, enquanto Stalin entrava, como seminarista, no mosteiro de Tiflis, Geórgia, em 1888.

Ambos, mais tarde, matariam milhões de russos. Quando

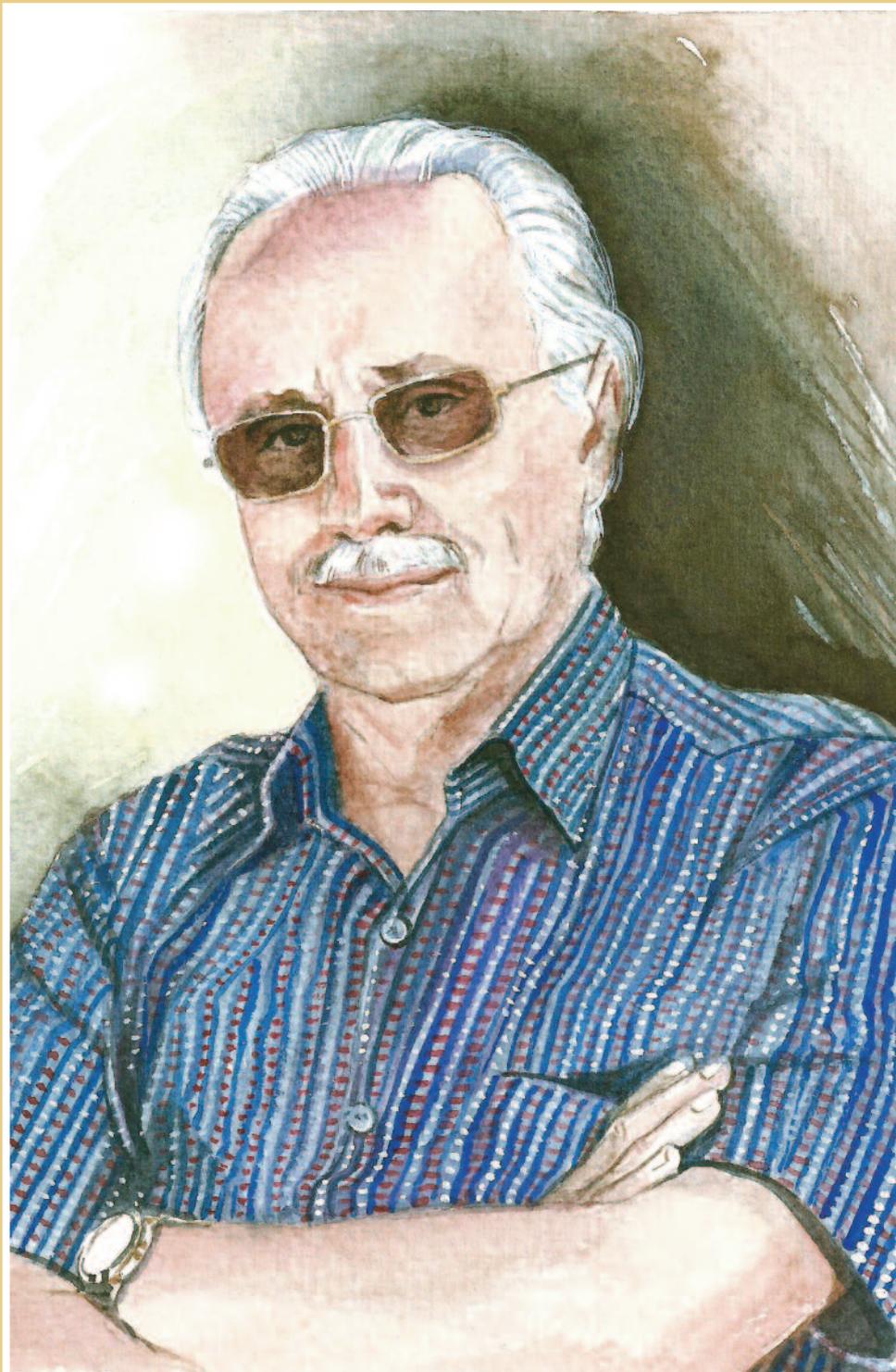
Lenin morreu, em 1924, Stalin já tinha mandado matar todos os possíveis candidatos que pudessem ser chefe da URSS. Até Trótski, organizador do exército vermelho, tomou uma picareta mortal, enquanto visitava o México.

Se Dostoiévski estivesse vivo teria muito assunto. Em 31 de dezembro de 1991 a bandeira vermelha com a foice e o martelo foi arriada e substituída pela russa e a URSS desapareceu da História. Esperamos que tudo melhore, como profetizou Aliocha no fim do romance 'Os irmãos Karamazov' e apesar do doutrinamento marxista por 70 anos, no recenseamento de 2010, 80% dos russos seguem a igreja cristã ortodoxa.

Referências Bibliográficas

- DOSTOIÉVSKI, Fiódor – *Biblioteca de Autores Universais – Obra completa em quatro volumes (O Idiota, no III Volume) (Os irmãos Karamazov) no IV Volume*, romanos traduzidos por Oscar Mendes e Natália Nunes, Rio de Janeiro, GB. Companhia Aguilar Editora, 1964.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor – *O Idiota* (tradução feita diretamente da língua russa por Paulo Bezerra – São Paulo, Editora 34, 2002.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor – *Os irmãos Karamazov*, Editora 34, 2002
- BERLIN, I. *Pensadores russos*. S.Paulo, Cia das Letras 1988
- PONDÉ, Luiz Felipe - *Crítica e profecia – A Filosofia Na Religião em Dostoiévski*, S. Paulo, Editora Leya, 2013.
- SEIXAS, Heloísa – *As obras primas que poucos leram – Otto Maria Carpeaux em Dostoiévski: Crime e castigo – Volume 2 – Rio de Janeiro – Record – 2004.*
- VAZ, Henrique C.de L. - *Escritos de filosofia (problemas de fronteira)*, S. Paulo, 1986.
- WILSON, Edmund, *Rumo à Estação Finlândia – S. Paulo – Cia das Letras 1987.*
- GUARDINI, Romano – *O universo religioso de Dostoiévski* – citado na nota preliminar de *O Idiota*, edição de 1964, Cia. Aguilar Editora,
- *Almanaque Abril 2013*, pág. 580 – Editora Abril.

“Se Dostoiévski estivesse vivo teria muito assunto. Em 31 de dezembro de 1991 a bandeira vermelha com a foice e o martelo foi arriada e substituída pela russa e a URSS desapareceu da História.”



Olavo Romano, o contador de ‘causos’

Manoel Marcos Guimarães
Jornalista, editor de MagisCultura

Era uma vez... Talvez devesse começar assim a apresentação do perfil de um contador de histórias. Mas o chavão não se aplica a um contador de ‘causos’ mineiros, muito diversos dos contos de fadas ou das histórias da carochinha, que ainda povoam o universo infanto-juvenil, agora não mais sob a forma de narrativas orais, mas embalados em sofisticados *softwares* ou em desenhos animados disponíveis na teia mundial da internet.

A história de Olavo Celso Romano não começa, portanto, com o ‘era uma vez’. Começa em Morro do Ferro, “o único e último distrito de Oliveira”, que fica “no coração mineiro, longe das fronteiras, senhora de si mesma”, na descrição do conterrâneo Ariosto da Silveira. Foi lá que ele nasceu em 1938, filho de Demosthenes, um filho de padre e “quixotesco fabricante de sonhos”, e de dona Waldete, 15 anos mais nova que o marido, com quem construiu uma “família nova”, sem um tronco familiar tradicional.

Do ‘amorável’ Morro do Ferro, o menino mudou-se com a família para os Romeiros, “lá pros lados de São Tiago”, e a viagem, um “estirão de oito léguas, coisa pra homem” seria o primeiro deslumbre a anteciper o futuro contador de histórias. O impacto inicial veio a ser despertado muito tempo depois, pelo “susto do mundo em transformação” trazido pela televisão.

Já na beira dos 40 anos, Olavo Romano resolve, então, dedicar-se ao texto narrativo dos ‘causos’ recolhidos em andanças e pesquisas, nem sempre acadêmicas, mas junto a personagens como a “Tia Onofra”, “Seu Quinho” ou “Dona Dalila”, donos da insuperável sabedoria popular, falando de forma simples coisas que estudiosos geniais dizem e escrevem sofisticadamente.

Diz Olavo ter sido então “tomado de incontrolável urgência” e resolveu começar contando casos, “como quem toma a sopa pelas beiradas, recuperando cenas e personagens, vozes, jeitos e trejeitos gravados na memória e no coração”. Os primeiros textos saem esparsamente, sob a forma de crônicas nos jornais *Estado de Minas* e *Diário de Minas*, ambos de Belo Horizonte. O primeiro livro impresso, em 1982, aliás, foi resultado da reunião em um volume dessas crônicas, sob o título *Casos de Minas*.

Embora sua linguagem e suas histórias sejam peculiarmente mineiras, Olavo Romano sabe que a arte de contar histórias é milenar. “Certa vez, em Juiz de Fora, ao contar uma história que ouvira no interior de Minas, alguém me interpelou dizendo que aquela mesma história, com pequenas variações, já circulava em uma província da Espanha há mais de 2 mil anos”. E relaciona alguns contadores clássicos, como o William Shakespeare, de “O Mercador de Veneza”. Lembra ainda que o Vale do Paraíba sempre foi pródigo em contadores e não deixa de citar o cordel nordestino, como um típico caso.

Instado a citar escritores mineiros, menciona de imediato Mário Palmério e Guimarães Rosa, acrescentando os da geração

‘mais moderna’, como Oswaldo França Júnior, Luiz Giffoni, Maria Esther Maciel e o jovem Léo Cunha, “uma revelação”.

Perito criminal concursado, trabalhou sempre no serviço público, mas nem sempre nessa área, tendo sido deslocado a outros cargos e funções na Fundação João Pinheiro ou em gabinetes, especializando-se em gestão pública, que chegou a lecionar. Quando universitário de Direito, militou na política estudantil, gosto que provara no Ginásio em Oliveira, e integrou a diretoria da União Estadual dos Estudantes.

Mas confessa que o coração sempre pulsou no desejo de escrever, “sonho e fascínio da vida inteira”. O sonho que ainda persiste é o de contar a saga da avó paterna que, casada à força com um tio 40 anos mais velho, para cumprir palavra do pai, se apaixona pelo padre italiano do lugar e, literalmente roubada, foge com ele, “de galope, deixando abertas as porteiras todas”.

Olavo Romano integra a Academia Mineira de Letras desde 2004 e a preside desde maio de 2014. Na Academia, entende como seu papel “não deixar desaparecer a memória” e pensa em criar uma verdadeira Federação de Academias em Minas, para integrar as várias regiões.

As atividades fora da literatura, entretanto, jamais irão fazê-lo abandonar as histórias. Afinal, como diz, “contar caso, contar histórias, faz bem à saúde. Aliás, até salva a vida – Sherazade que o diga.”

Obra

- *Casos de Minas* (1982)
- *Minas e seus casos* (1984)
- *Dedo de prosa, Prosa de mineiro* (1986)
- *Os mundos daquele tempo* (1988)
- *Um presente para sempre* (1990)
- *Memórias meio misturadas de um jacaré de bom papo* (2002)
- *São Francisco Rio Abaixo*, com o fotógrafo José Israel Abrantes (2006)
- *Retratos de Minas* (2007)

O conto Como a gente negoceia gerou o curta-metragem Negócio Fechado, premiado no Festival de Gramado de 2001.

O texto Zeca Lifonso serviu de base a curta-metragem produzido em Muriaé pelo cineasta Euler Luz.

O grupo Carbono 14 filmou 30 histórias da sua obra para distribuição gratuita em bibliotecas, escolas e centros culturais, e publicadas, em 2007, com o título Eta mineiro jeito de ser.

Publicou ainda, sob encomenda, livros alusivos ao Centenário de Belo Horizonte e a regiões da capital, como a Cidade Nova e o Caiçara, além de outras obras relativas a empresas.

Está terminando a revisão de um texto que aborda a linguagem oral, a arte de contar histórias, para um livro a ser publicado pela editora do Sesc de São Paulo.

O caminho de São Tiago^{*}

Olavo Romano

O pai precisava resolver uns negócios na cidade e chamou o filho para ir junto. Fazia muito tempo que Tiãozinho tinha ido a São Tiago a última vez.

Estava agora com dez para onze anos, era quase um rapazinho.

Botou arreio novo no Rosilho, com peitoral e rabicho, coxinilho e capoteira. Tomou banho geral, vestiu o terno branco, bebeu um café reforçado e, dia amanhecendo, metia o pé na estrada.

Viagem estirada, a bem dizer quatro léguas, oito ida e volta. Coisa pra macho. Por isto ia tão intimado.

Na cidade, chupou picolé e experimentou refresco de groselha. Escutou conversa de homem na farmácia do João Reis, depois deu umas voltas na praça da Matriz. Comeu lombo de porco com linguíça, tutu de feijão e couve picadinha na pensão do Luís Caputo. Escutou muita música caipira no rádio do Vicente Mendes, enquanto fazia suas compras: um pente “Flamengo”, um espelhinho de bolso com o escudo do Vasco nas costas, um canivete “Corneta”, mais dúzia e meia de bolinha de gude para encantar as vistas e invejar os irmãos.

Duas e pouco, tudo resolvido, saía de volta, acompanhando no pequirá a marcha larga da Princesa, besta baía de estimação pai.

Era janeiro, dias quentes e grandes. Chegou em casa com céu ainda claro. Trocou de roupa, jantou, foi pro alpendre conversar com os agregados. Manuel Vaqueiro pergunta:

– Comê, Tiãozinho, gostou da viagem?

O menino tinha as pernas raladas, o traseiro doendo daquele estirão de quase oito léguas. Mas trazia a alma cheia de uma novidade muito bonita. Estufou o peito, tomou um ar solene e revelou ao grupo de empregados sua importante descoberta:

– Olha, gente, quem quiser saber como este mundo é grande, viaje pros lados de São Tiago.

(*Do livro “Casos de Minas”, Ed. Paz e Terra, SP, 1982, 6ª ed.)



Saudades de Bandeira

Luís Carlos Gambogi
Desembargador do TJMG

O Dentro de sete anos estaremos a comemorar o centésimo aniversário da Semana de Arte Moderna de 1922, realizada em São Paulo, e que abriu os olhos da cultura brasileira. Manuel Bandeira, com sua poesia, lá estava. Sua importância é tamanha que Mário de Andrade o nomeou São João Batista da poesia moderna. Ele é mais; Bandeira é a própria água que batiza o Modernismo. Os versos que se seguem pertencem a ele, a Manuel Bandeira, seguramente um dos mais impactantes poetas do Brasil.

Vou-me embora pra Pasárgada

*Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada*

*Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a louca de Espanha*

*Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive*

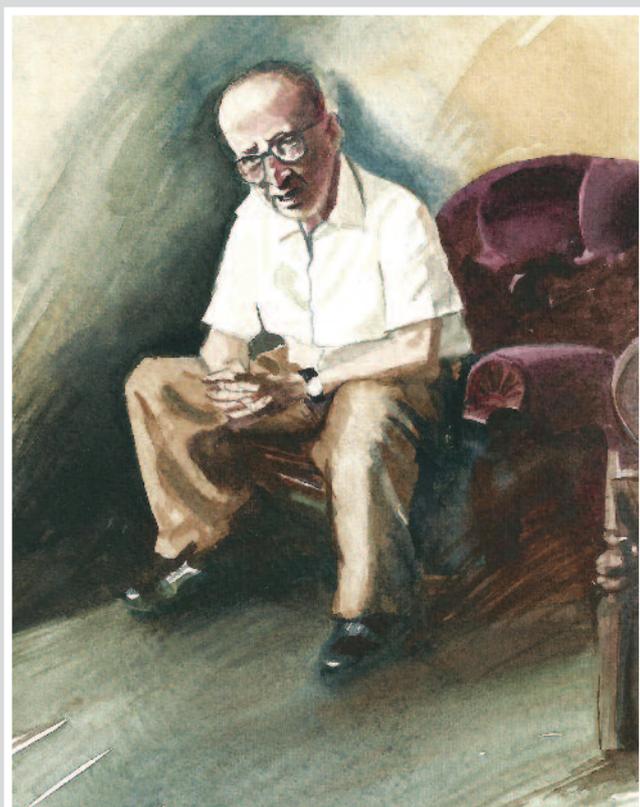
*E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água.
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada*

*Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar
E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
- Lá sou amigo do rei -
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada*

Sobre Pasárgada, melhor entregar a palavra ao próprio Manuel Bandeira:

“Quando eu tinha os meus quinze anos e traduzia na classe de grego do Pedro II a Ciropédia fiquei encantado com esse nome de uma cidadezinha fundada por Ciro, Antigo, nas montanhas do sul da Pérsia, para lá passar os verões. A minha imaginação de adolescente começou a trabalhar, e eu vi Pasárgada e vivi durante alguns anos em Pasárgada.

Mais de vinte anos depois, num momento de profundo cafard e desânimo, saltou-me do subconsciente este grito de evasão: ‘Vou-me embora pra Pasárgada!’ Imediatamente senti que era a célula de um poema. Peguei do lápis e do papel, mas o poema não veio. Não pensei mais nisso. Uns cinco anos mais tarde, o mesmo grito de evasão nas mesmas circunstâncias. Desta vez o poema saiu quase ao correr da pena. Se há beleza em ‘Vou-me embora pra Pasárgada’,



elas não passam de acidentes. Não construí o poema; ele construiu-se em mim nos recessos do subconsciente, utilizando as reminiscências da infância – as histórias que Rosa, a minha amaseca mulata, me contava, o sonho jamais realizado de uma bicicleta etc.. O quase inválido que era ainda por volta de 1926 imaginava em Pasárgada o exercício de todas as atividades que a doença me impedia: ‘É como eu farei ginástica ... tomarei banhos de mar!’ A esse aspecto, Pasárgada é ‘toda a vida que podia ter sido e que não foi!’

Adeus a Pasárgada

O incrível em *Pasárgada* é que Pasárgada recorda uma profecia alegre. Um lugar de delícias, lugar onde a felicidade é possível; distante do tempo do poeta, mas que – se se presta atenção – coincide, em muitos aspectos, com os dias de hoje, em que existe a pílula anticoncepcional (‘processo seguro contra a concepção’), o celular (‘telefone automático’), existem os ‘alcalóides à vontade’ e ‘as prostitutas bonitas para gente namorar’. Ou seja, parece que estamos em Pasárgada. Foi por esta razão, por sentir-me em Pasárgada, fiz a brincadeira que intitulo *Vou-me embora de Pasárgada*. Desnecessário dizer que sem o talento de Bandeira. Ei-la:

Vou-me embora de Pasárgada

*Vou-me embora de Pasárgada
Aqui já não sou feliz
Minha vida tornou-se uma tortura
De tal modo conseqüente
Que reencontrei recentemente
A sogra que sempre tive.*

*E como tudo é travessia
Viajarei como um louco
E crescerei sem necessitar do seu aplauso
Lá, montarei em burro manso
E subirei no remanso
Do seu olhar!
E se sentir saudades
Da Pasárgada que um dia amei
Volvo minhas memórias
Ao tempo em que eu era amigo do rei
Às mulheres que um dia tive
E às camas em que as amei
Mas, vou-me embora de Pasárgada*

*Voltarei ao tempo em que o tempo
Não esperava em vão por mim
Em Pasárgada vi de tudo:
Uma decepção!
Estou dependente de crack e
Alcalóide e lacre
Dessa civilização
Meu celular não se aquieta,
‘Vade retro’ satanás
Feito para se trabalhar menos
Faz-nos trabalhar mais*

Vou-me embora de Pasárgada

*Mesmo as bonitas prostitutas
Que antes aventavam venturas
Só me prometem esse inclemente mal-de-amor
E, para aumentar minha agonia,
Meu preservativo me estoura
Enquanto eu namorava uma loura
Que todos os reis já amou
Estou triste como nunca
Triste como só eu sei
Vou-me embora de Pasárgada
Onde nunca voltarei
Vou-me embora de Pasárgada.*

Contingências da vida

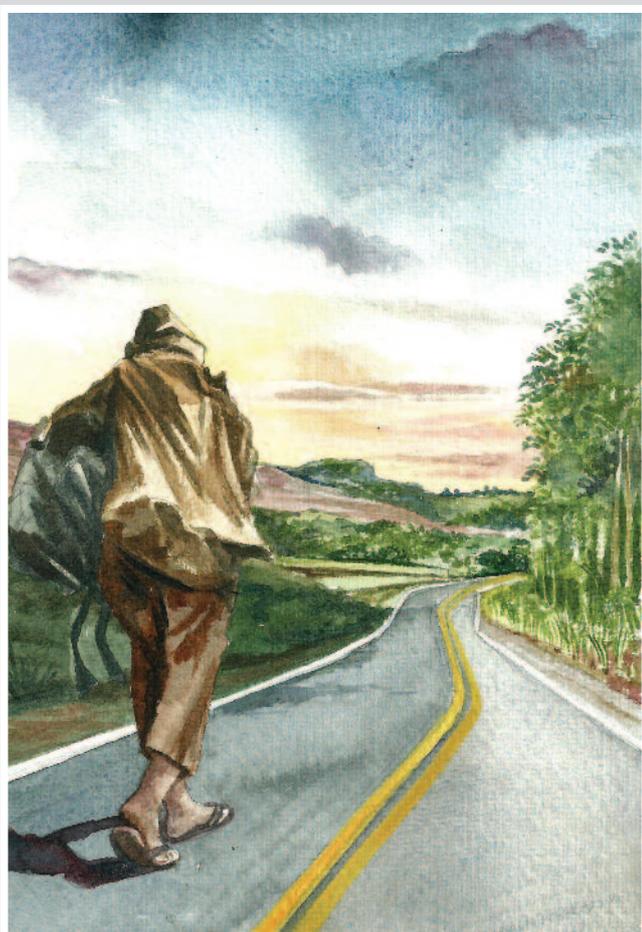
José Amâncio de Sousa Filho
Desembargador do TjMG, aposentado

Se a contingência triste e tormentosa
Impõe-nos pena drástica e cruel,
Cumpramo-la de forma decorosa.

Sempre alegres e livres, de alma pura,
Enquanto não nos cavem sepultura
E digam: "aqui dorme um menestrel".

Pouco importa, se o cárcere da vida
Nos turbe o gesto de seguir em frente,
Nos tolha o alcance da ilusão perdida,
Ou da morada de algum sonho ingente.

Mesmo impedido de cumprir desejos,
Não desistamos da tenaz porfia
Gastemos bem as horas e os ensejos
Saudando a vida em ritmo de poesia!



O andarilho

Sem estratégia alguma de partida
Ele dá o sinal para a largada
Da maratona que fará da vida
Sem cuidar quanto à linha de chegada

Anda, anda, durante todo o dia
E o faz também insone a noite inteira...
Tendo somente em sua companhia
A faixa asfáltica - sua guieira

Tem na bagagem não mais que ilusão
– Talvez de um sonho que ficou desfeito
O tempo que se gasta todo em vão

Homem sem compromisso com mais nada
Tenta seguir... voltar... de qualquer jeito
Jamais verá a linha de chegada.

O milagre (I e II)

Llewellyn Davies A. Medina
Desembargador do TJMG

P relúdio

Fiquei triste quando soube o significado dessa palavra a primeira que o vento trouxe à seara perdida em alfarrábios labirintos inextricáveis são tantos os símbolos fazem nascer o sol toda manhã no Arpoador quem me falou da palavra deus viajou por paragens paralelas perdidas lendas vindas d'África foi assim que talvez tenha vindo quem chamou de canto o primeiro som da cotovia quem o diferenciou de outro canto este é um canário qual foi a primeira palavra que o generoso depositário das coisas de todas as coisas dos sonhos das manhãs de outono as mais belas das noites de escuridão rompida pelo estalar do raio barulho do trovão vem depois

"Estamos aqui talvez para dizer: casa, ponte, árvore, porta, cântaro, fonte, janela – e ainda: coluna, torre... mas para dizer, compreende, para dizer as coisas como elas jamais pensaram ser intimamente."

Foi o tempo no tempo em que sabia que não sabia e quase era santo oh! mas quanto pecava nessa minha santidade como o brilho das asas da varejeira parada no ar espia era o tempo em que não sabia e a palavra entranhou-se nas coisas surgiram as flores a dor o estertor da morte metamorfoseada Grande Ceifadora e houve então a nudez o sabor o sal a tristeza incontida da insignificância

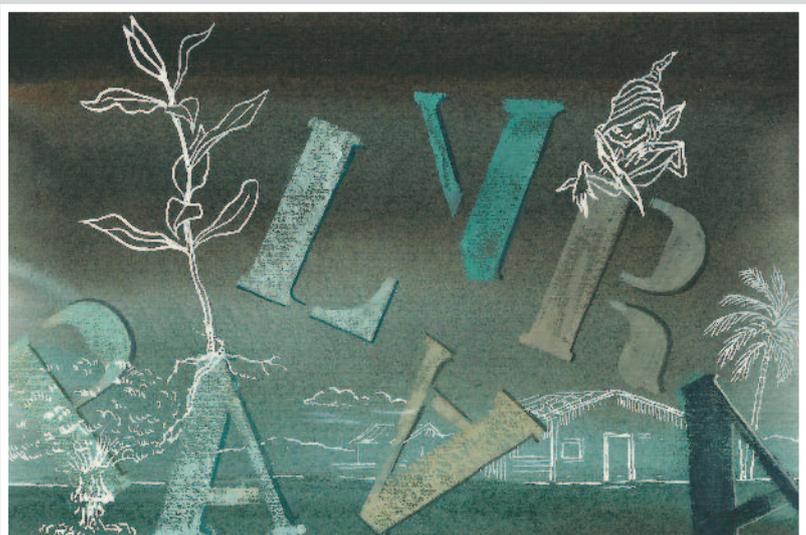
tudo é tão fugidio a nuvem forma indizíveis formas enigmas era talvez um bom tempo

Coda

A palavra fez nascer vilas inteiras magicamente uma amendoeira tornou-se ela mesma um universo tão insondável quanto o olhar distante daquele acaba de divisar as bordas de Hades mãe generosa de suas entranhas veio o alimento que anestesiou aquela geração canções de protesto – a palavra me ensinou orações mecanicamente repetidas – a palavra me ensinou verdades incontestáveis o operário na cadeia o operário na cadeia de produção "fiat lux!" a sabedoria a máquina de cartão de crédito – senha "1984" hiroshima nagasaki fila do INSS foi assim foi assim que a palavra quase morreu vieram médicos paramédicos Samu padres bispos filósofos vieram vieram deuses veio deus veio a intolerância a palavra inventou a palavra solidão moto contínuo Pedra de Roseta começa e finda em si mesma diz o you tube

a palavra encerra o fim de todas as coisas

sustentar a palavra dói tanto quanto o sol de verão quando entranha nos ossos mítico / misterioso ofício como o batismo da criança da cria um dia andou sobre suas próprias pernas duendes saltitantes orfeus / eurídicés no oriente falavam-se outras palavras não era o tempo de babel hoje é o tempo de babel os homens sabiam-se uns dos outros os homens não sabem uns dos outros olham com espanto o caleidoscópio mistério da vida dizem que a palavra voou há testemunhas desse momento rumor do vento monção silenciosas prisões grillhões quartos escuros dias sombrios morre a palavra outro ourives volta a ouvir seu silêncio novas chamas saltam da fricção das pedras.



Bodas siderais

João Quintino Silva

Desembargador do TjMG, aposentado

Lua cheia,
efêmera beleza das noites sossegadas,
no rodízio dos quadrantes,
me transporta ao sonho.

Que fantasia, lua cheia,
abrigas no teu seio
onde só astronautas impensados
têm acesso!?

Toda noite eu te contemplo
– majestosa –
no fundo astral solene,
ó rainha do espaço,
ó radiosa alegria dos meus versos!

Fosse eu poderoso sol,
quisera abraçar-te,
com tal força, ó lua cheia,
na fusão total de nossas luzes,
no casamento cósmico mais brilhante do universo!



Onde estão os nossos mortos?

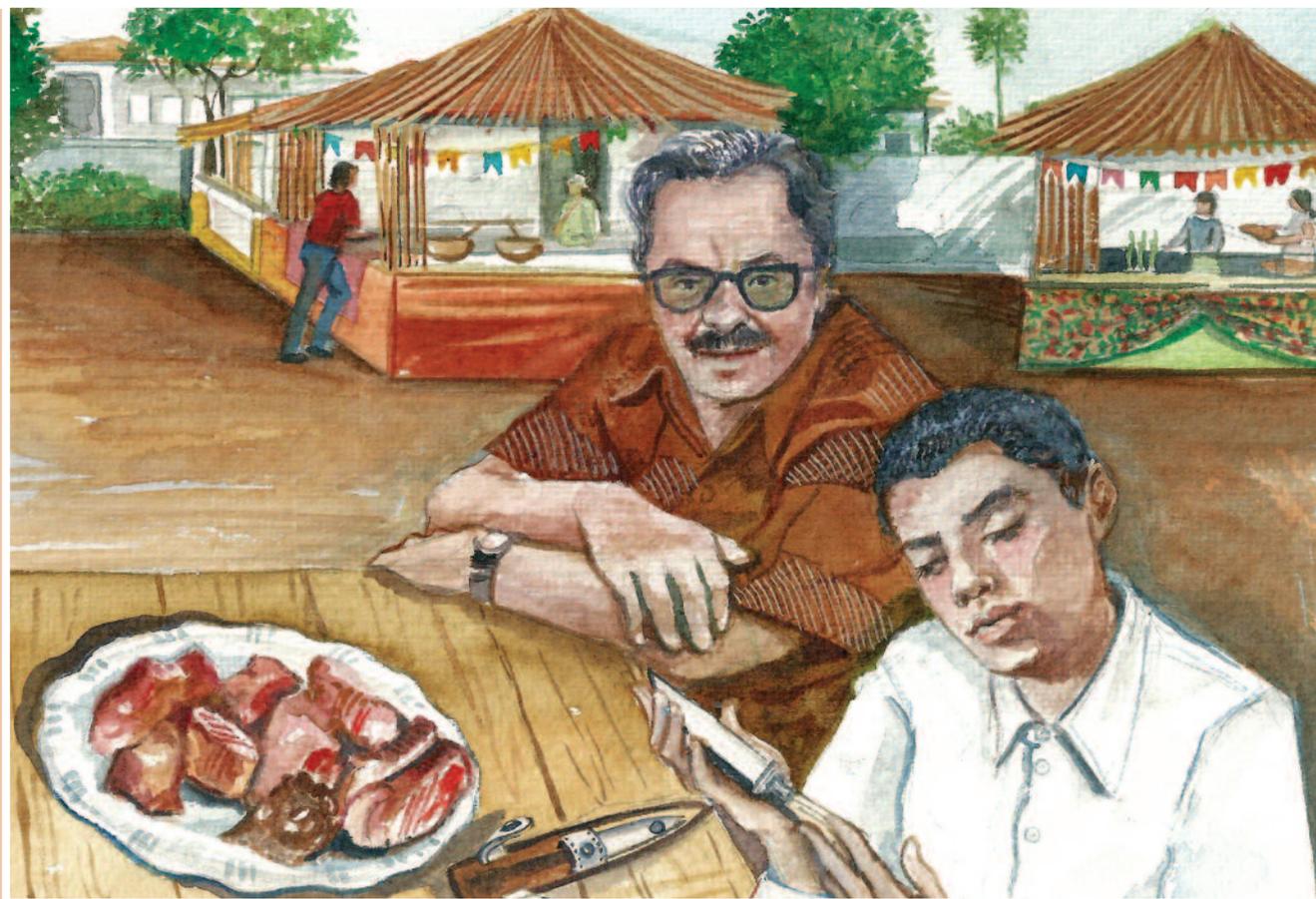
Sonhei-me morto.
Muita gente em derredor,
velas acesas,
as flores do costume,
coroas de vivas inscrições
e, coisa rara,
um discurso à beira-túmulo.

Diziam todos,
à meia voz:
- Era um bom sujeito!
Depois, a missa de sétimo dia,
entre lágrimas mais amenas
e abraços cristãos...
a viúva, de olhares chorosos,
compensada da emoção de que foi bom,
enquanto durou.

Depois... a saudade cada vez mais leve
e quase nenhuma...

Ah! O tempo vilão!
Esse mata os velhos sentimentos.

Guardei uma certeza:
- Ninguém tem tempo para os mortos!



O encontro político

Renato César Jardim
Juiz de Direito em Belo Horizonte

Quando o doutor Jurandir foi convocado a uma festa de cunho político no distrito da Palha, pertencente ao município de Sagarana, venceu o titubeio perturbador de sua aquiescência após convencer-se da necessidade de colher novos frutos eleitorais. A relutância inicial do renomado advogado tinha razão de ser. O distrito da Palha era conhecido como o mais violento da região. Para se prezar, todo morador daquele lugar andava armado com uma garrucha polveira ou então com alguma espécie de arma branca. A reputação daquela plaga não era gratuita, mesmo porque dentre os diversos municípios e distritos integrantes da extensa e violenta comarca de Sagarana, a Palha ostentava a pecha de campeã absoluta quanto ao número de homicídios. Chamavam a atenção por aquelas bandas os rotineiros assassinatos ocorridos nos encontros fúnebres. Os velórios eram todos regados a cachaça e, entre umas e outras, os desafetos se encontravam para tirar satisfação, vindo sempre um deles a sucumbir, vítima de facada ou tiro. Em razão disso, os funerais se sucediam. Numa daquelas triviais reuniões lúgubres, onde o crivado defunto tivera a alma encomendada precocemente por um coronel, sob a promessa de recompensa a quem primeiro fizesse o serviço, dois pistoleiros, após se encharcaram de pinga, iniciaram uma discussão no salão paroquial onde o corpo era velado, cada um se arvorando no direito de receber a covarde oferta, conquanto teriam atirado ao mesmo tempo no infeliz. O entrevero e, depois, um recíproco e crepitante ruído de disparo de arma de fogo fizeram ressoar a lamúria das viúvas de dois biltres por outra noite inteira em mais dois velórios.

O vacilo do causídico também remontava a tempos passados, onde dois grupos políticos sempre disputavam o voto de cada eleitor, com histórias horripilantes, sendo ele militante de uma daquelas agremiações. O incômodo era ainda maior, pois o carro chefe dos lemas políticos do proeminente homem letrado era a erradicação da violência no seu curral político, de cujos resultados muito se orgulhava e dava publicidade em seus discursos. Na verdade, em seu íntimo, o homem Jurandir, de alma benévola, acreditava mesmo no efeito de suas pregações.

A educação e o fino trato marcantes na reconhecida figura do doutor Jurandir, homem de berço de ouro, educado nas montanhas do Caraça, inclinado na juventude para o estado eclesiástico, não retiravam dele incomensuráveis e naturais dotes políticos. Tudo isso o fazia ser considerado, também pela astúcia, como verdadeira raposa, inclusive pelas facções adversárias. E, além do conteúdo, sua atuação junto ao Tribunal do Júri em defesa dos mais necessitados, onde sustentava teses jurídicas utilizando de uma oratória inflamada e em português castiço, fazia emergir a fama de defensor dos pobres, a qual transpunha os limites de todos os rincões da comarca. A eloquência do paladino dos pobres, aliada à sua vocação religiosa, levavam a fração mais modesta da população a procurá-lo sempre, buscando os mais variados conselhos, desde

“Os velórios eram todos regados a cachaça e, entre umas e outras, os desafetos se encontravam para tirar satisfação, vindo sempre um deles a sucumbir, vítima de facada ou tiro. Em razão disso, os funerais se sucediam.”

“O clima antes tenso para o advogado foi se amenizando com as sucessivas cervejas servidas, geladas em tambores repletos de gelo, com garrafas vindas à mesa com resquícios de serragem, usada para manter a bebida fria.”

questões familiares, passando pela política e chegando até a religião. A prudência das orientações ensejava o cumprimento à risca daquilo dito pelo doutor. Certa feita, num período pré-eleitoral, boa parte dos eleitores andou manifestando a intenção de migrar da UDN, agremiação à qual pertencia com honra e gratidão o doutor Jurandir, para o PSD. Naquela ocasião, o PSD vinha ganhando simpatizantes em toda região da comarca de Sagarana. Surgiu, segundo diziam, das conversas de confessional, o boato de que seria pecado pertencer ao PSD, tendo em vista as suas orientações de esquerda. A repercussão do fato fez formar extensa fila junto ao escritório do nobre advogado. Desta feita, todas as consultas tinham o mesmo escopo: aquela malta queria um esclarecimento convincente. A cada um dos incultos presentes no sacrossanto gabinete, o doutor Jurandir, com ponderação de monge, se limitava a dizer: - Meu filho, não é pecado você pertencer ao PSD. Pecado, sim, e dos mais graves, é você mudar de partido. Foi com uma margem folgada de votos a vitória do candidato da UDN nas eleições daquele ano.

O conceito do bacharel e o apoio por ele recebido daquele contingente pouco favorecido não permitiria a sua ausência no anunciado evento. O povoado estava literalmente ornamentado quando o doutor Jurandir chegou acompanhado da comitiva composta por edis e pelo alcaide municipal, naquela última reunião antes das eleições, que já se avizinhavam. As barraquinhas de bambu, cobertas com palha e enfeitadas com bandeirinhas coloridas, armadas no chão de terra batida, davam aos presentes um conforto pouco comum naquele lugar. A comitiva e a liderança política da Palha se instalaram sob uma daquelas barracas, onde uma mesa de madeira de grande extensão fora armada, com bancos instalados dos dois lados, de maneira a possibilitar aos presentes uma conversa tête-à-tête. O clima antes tenso para o advogado foi se amenizando com as sucessivas cervejas servidas, geladas em tambores repletos de gelo, com garrafas vindas à mesa com resquícios de serragem, usada para manter a bebida fria. Os presentes conversavam animadamente e os políticos enalteciam a Palha, prometendo trazer até ali o indesejado progresso. A civilização poderia tornar o distrito um local com lei, onde todos os crimes seriam apurados com rigor. Em seu pronunciamento, por todos esperado com ânsia, doutor Jurandir aproveitou para dizer do seu sentimento sobre a evolução no comportamento da população do lugar, conscientizada da desnecessidade de andar armada, fruto inclusive do trabalho das professoras do município, instruídas pelo secretário da educação. O advogado, talvez até pelo efeito do álcool, pouco habitual em sua regrada vida, parecia realmente acreditar em suas palavras, sentindo, em razão disso, uma tranquilidade muito grande de estar ali na Palha.

Depois de algum tempo, concluída a verborreia, era chegado o momento de servir aos convidados o churrasco, acompanhado de feijão tropeiro, banana verde frita em rodela, farofa e arroz. Devidamente acomodado no comprido banco de madeira, doutor Jurandir teve instalado a seu lado um fedelho muito bem comportado, lá pelos seus onze anos de idade, trajando a sua domingueira, uma bem engomada camisa branca de mangas compridas, calça azul marinho e botina com gomeira. Garantindo o seu lugar ao lado do ilustre advogado e acompanhando com o olhar, de baixo a cima, todos os seus gestos e palavras, sentia o jovem o orgulho de dar a impressão de uma intimidade com o líder político. Conversando com o prefeito do outro lado da mesa, o doutor parecia não ter notado a presença daquele a seu flanco. Três travessas contendo enormes nacos de carne foram dispostas sobre a mesa como aperitivo. Não era do costume local a utilização de palitos ou facas para auxiliar na degustação. O causídico pegou um daqueles pedaços de carne e tentou digeri-lo. Não logrou êxito em seu intento, mesmo porque a rigidez da carne, certamente uma chã-de-fora, não permitia a mastigação, principalmente pelo seu tamanho. Para amenizar o desconforto da ingestão, necessária para se evitar uma interpretação próxima ao pouco caso, a solução seria conseguir algo para fracionar aquela sola de sapato. Olhando para os lados, procurando auxílio, o advogado notou a presença do menino a seu lado. O jovem trazia na cintura um pequeno punhal com cabo de osso, acomodado numa bainha de couro. Encontrando ali, supostamente, a solução para o seu problema, doutor Jurandir disse, apontando para a cintura do garoto:

– Ei meu jovem, empreste-me essa faquinha aí para eu cortar esta carne.

Em resposta, ouviu:

– Óia dotô, eu posso até imprestá, mais num vai resolvê.

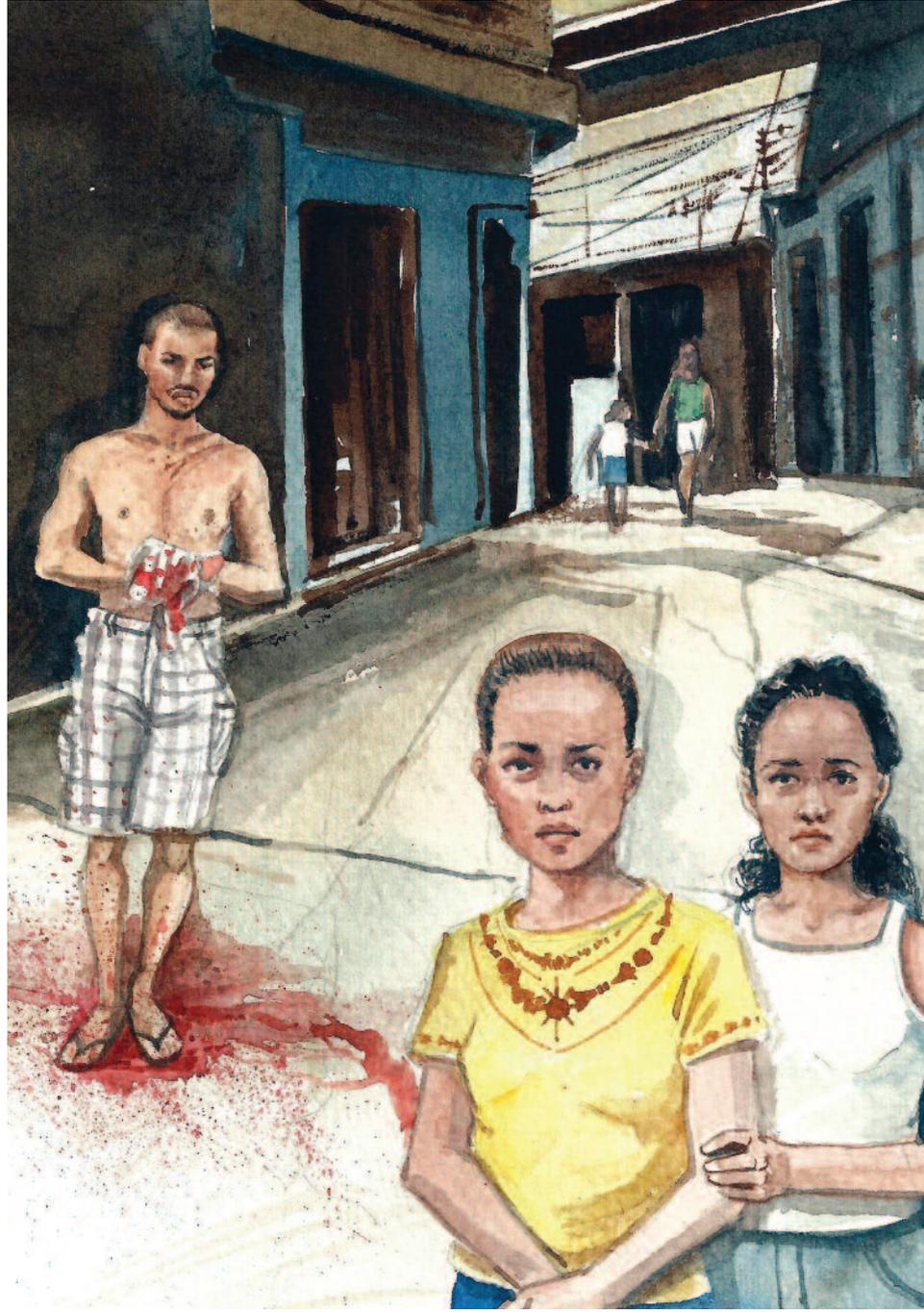
– E por quê? – questionou o advogado.

Em resposta, ouviu:

– Porque esta aqui só serve pra furá.

Com o encerramento daquele encontro, Dr. Jurandir retornou pensando em lavar suas mãos, mesmo porque ficaram besuntadas na refrega travada com aquele naco de carne.

“Não logrou êxito em seu intento, mesmo porque a rigidez da carne, certamente uma chã-de-fora, não permitia a mastigação, principalmente pelo seu tamanho.”



As mãos de Maicon

Wander Marotta
Desembargador do TJMG

Tayane Silva, 12, acordou cedo e olhou para as mãos: grossas, feias, calosas, feiuras que ganhou ao carregar pedra, cimento e tijolos para ajudar o padrasto na construção de mais um quarto no barracão da favela.

Seus colegas de escola riam porque as mãos eram feias. Agora, na época das chuvas, o quartinho em que dormia com os quatro irmãos era pura goteira. Seco mesmo, nada havia. Passava as noites acordada, cama molhada, olhando os irmãos mais novos. A mais velha, Daiane, 14, dormia com os pais no outro quarto do barraco. Não sabe por que, mas Tayane desconfiava de que seu padrasto incomodava Daiane. A irmã nada dizia, mas estava mudada. Triste, não gostava mais nem do Eminem e das suas músicas que falavam de drogas, revolta e bebidas. Daiane vivia cantando *"Love the way you lie"*, mas não sabia (falaram pra ela lá no Juizado) que essa música era sobre relacionamentos abusivos. Tayane gostava mais do Eminem atual, que falava de uma coisa esquisita, que na escola chamavam de *bullying*, mas que ela não sabia o que era, a não ser quando a maltratavam no recreio, aí o Maicon, 15, falava pra ela que era *bullying*. O Maicon dizia que era doutor em *bullying*, pois foi achado debaixo do viaduto, com seis meses de vida, ele não sabe onde nasceu, nem quem é sua mãe. O Maicon tinha essa vantagem, era bruto, mas gostava dela. Quando a escola não dava merenda, o Maicon dava. A merenda sempre faltava, seu padrasto dizia que era a corrupção. Como não sabia o que era corrupção, Tayane imaginava um carro da polícia, um brucutu. A mãe adotiva do Maicon bate muito nele, eu tenho essa vantagem, a mãe não me bate. Tayane desconfiava do padrasto, ele também não batia nela, mas Daiane tinha umas marcas estranhas, vermelhas, no pescoço e nas pernas. Daiane tinha pernas bonitas, morenas, lisas, podia até ser modelo um dia, se passasse num desses concursos da TV, que sempre escolhiam uma moça pobre e preta, da favela. Alguém na televisão gosta muito de gente pobre e preta, pois há sempre uma no meio das louras lá de Santa Catarina que ganham o primeiro lugar. Mas Daiane nunca disse que queria ser modelo, Tayane é que tinha, para ela, esse sonho, e dizia: *"Daiane, você vai ficar em terceiro lugar. Terceiro lugar dá emprego e dá dinheiro"*. Daiane ria, um riso triste, de quem não acreditava. Mas ela sabia, sabia que aquelas manchas arroxeadas eram coisa de seu padrasto, ela sabia. A mãe, calada, calada, um dia ela perguntou: *"Mãe, que manchas são essas nas pernas da Daiane?"* A mãe levou susto, disse que podia ser pernillongo, dengue, que ia levar no Posto. Mas nunca levou. E ainda ameaçava: *"Se a gente contar e ele for preso? E se eu for presa também, porque não contei? Quem vai cuidar de vocês?"* Aquilo a apavorava. A gente teria que ir pra rua, tipo catar comida no lixo, dormir no chão, era melhor do jeito que estava. Daiane era forte, se ela não reclamava devia ser porque dava pra aguentar. Tinha pena dela, porque as manchas apareciam, desapareciam, apareciam, desapareciam... Quando Daiane estava de calças compridas, porque ela adorava shorts curtos, era porque as

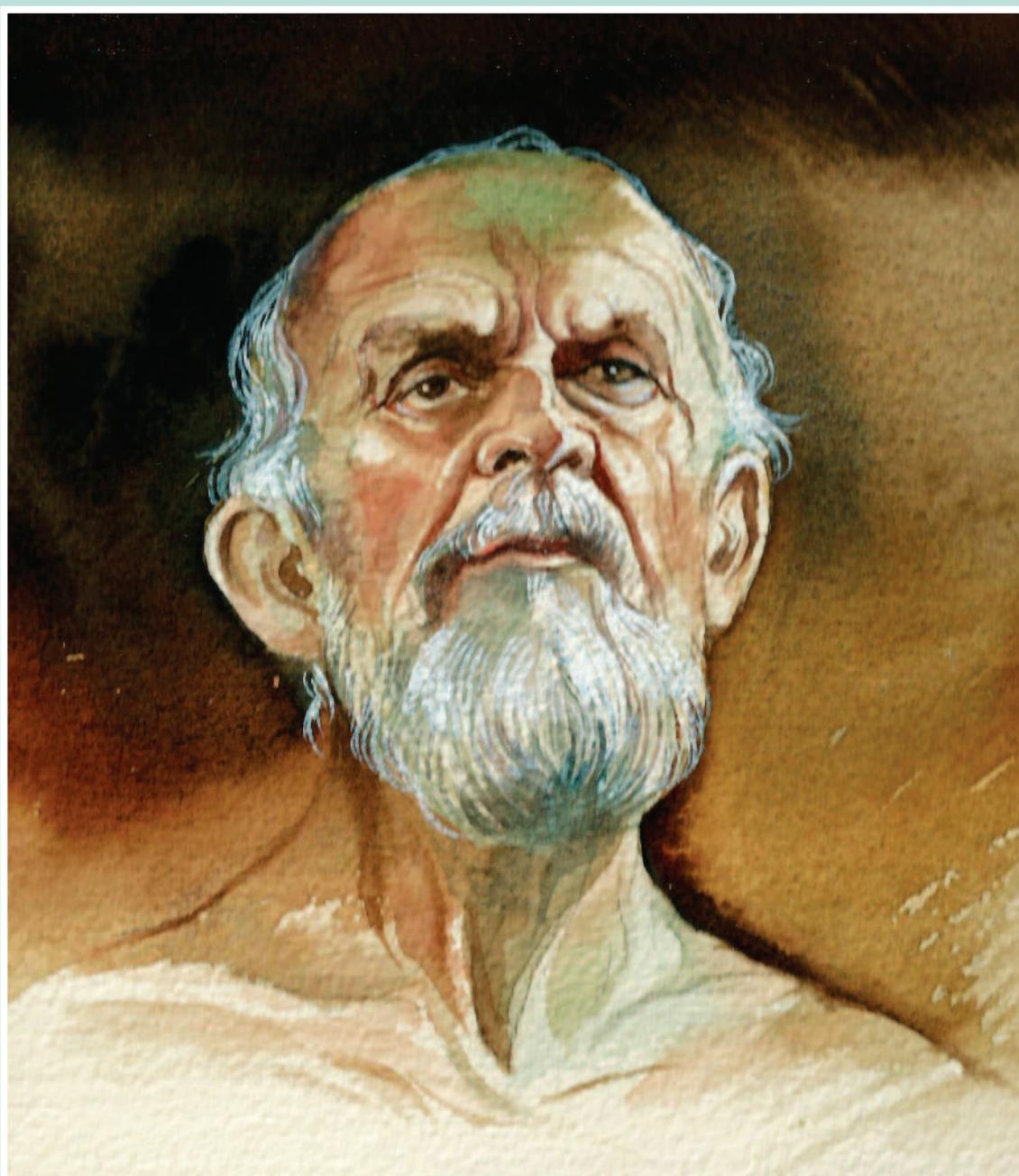
“. O Maicon dizia que era doutor em bullying, pois foi achado debaixo do viaduto, com seis meses de vida, ele não sabe onde nasceu, nem quem é sua mãe. O Maicon tinha essa vantagem, era bruto, mas gostava dela.”

“O Maicon me contou que ele quer ficar limpo, apesar de ainda tocar as músicas antigas. Acho que o Maicon é bom, ele ontem tentou acariciar as minhas pernas.”

manchas voltavam. As manchas do rosto ela escondia com batom, ruge e a pintura para os cílios, tudo da mãe, que não tinha vergonha de contar que roubava da patroa: “*Ela tem muita maquiagem, nem dá falta*”. Eu não sei porque – acho que é porque o Maicon me dizia – se isso continuar vocês não serão nada na vida. O Maicon, coitado, ele sabia das coisas, ele foi abandonado no viaduto aos seis meses, ele tinha uma madrasta e também já tinha 15 anos. Era quase um adulto. As meninas ricas, quando fazem 15 anos, vão pra Disney, ou dão festas que custam muito caro, dessas que a gente nem sabe o preço. Até cantor e ator vão à festa, mas dizem que não falam com ninguém. Do mesmo jeito que a gente via na televisão. Mas devia ser muito bom. Imagina! Alguém tipo Justin Bieber na sua (na sua!!!) festa. Pelo menos com você ele falaria. Dizem que o Justin Bieber mudou muito, mas ele é muito legal. Eu, se ganhasse na megassena, eu contrataria o Justin Bieber para minha festa de aniversário. Esse pessoal de televisão fica fazendo contas de que eu compraria, sei lá, tipo quatrocentos mil carros populares, quem disse que eu quero carro popular, eu quero é contratar o Justin Bieber, imagina a cara do Maicon se visse o Justin Bieber... Aposto que a Daiane nunca mais queria ouvir o Eminem com essas músicas bobas, falando de pílulas Vicodin. Tem uma música do Eminem chamada “Drug Ballad”. Mas até o Eminem mudou. Ele quer ficar limpo. O Maicon me contou que ele quer ficar limpo, apesar de ainda tocar as músicas antigas. Acho que o Maicon é bom, ele ontem tentou acariciar as minhas pernas. Falei para ele: você parece o contrário do Eminem, você parece que quer ficar sujo. Maicon ficava vermelho e não insistia. Maicon não era ruim. Acho que foi a vida que mudou o Maicon. Um dia ele me disse: Tayane, vou comprar um CD do Eminem para você, CD pirata, não posso comprar original. Mas você deve me deixar passar as mãos nas suas pernas, assim como a Daiane deixa. Você deixa? Eu não acreditei. A Daiane não deixava. A Daiane tinha horror disso. Ela me dizia que as marcas eram muito feias e que ela nunca queria mais carícias que deixavam marcas, carícias brutas, carícias que machucam. “Isso não é carinho”, dizia com uma voz que parecia choro. Falei pro Maicon: eu não quero que passe as mãos nas minhas pernas. Eu não gosto. Me dá gastura, como diz a mamãe. Maicon me disse: suas pernas são bonitas. Lá no Juizado tem uma moça com pernas muito bonitas, parecidas com as suas. Pensei: mas ela é rica, perna de gente rica é diferente, parece que é mais branca e tem uns pelinhos louros que é porque elas passam água oxigenada. Maicon não se importava com as minhas mãos calosas que era porque eu carregava cimento e areia; ele elogiava minhas pernas, dizia que eram bonitas e que eu devia usar shortinho como a Daiane, que era para mostrar pra todo mundo. Um dia o Maicon chegou com o tal CD pirata do Eminem e me chamou para o fundo do beco e falou aqui está o seu CD, mas eu quero

passar a mão nas suas pernas. Eu falei não Maicon eu não gosto eu não quero mas ele me agarrou e me beijou na boca eu nunca beijei na boca e tive nojo porque ele tentou enfiar a língua dele dentro da minha boca eu quase vomitei na cara dele e dei um grito aí ele tampou a minha boca e me jogou no chão eu bati com o CD na cara dele e o sangue veio como um esguicho, parece que eu acertei o seu nariz Maicon então me pegou pelo pescoço e disse eu vou te matar se você não deixar eu juro que eu te mato falei não Maicon eu não gosto disto você dá o CD pra outra e me deixa em paz mas ele me apertava cada vez mais e eu comecei a ficar sem ar eu perdia o fôlego e era como quando eu me afoguei lá na represa da Petrobrás, a água entrava pela minha boca entrava pelo nariz e eu tentava gritar mas não conseguia nem ver mais o Maicon só as mãos dele apertando o meu pescoço e a sua boca fedorenta de cigarro tentando me beijar eu pensava que estava gritando mas não sei se o som saía eu só sei que ia desmaiar quando senti que meu pescoço se abria um pouco e o Maicon me soltou. A Daiane chegara correndo e dera-lhe um chute na cabeça. Maicon gritou e eu comecei a chorar agarrada na Daiane. Nunca imaginei que o Maicon faria alguma coisa comigo, eu gostava dele, eu confiava nele. Maicon era diferente. Ele já tinha ido pro Juizado por causa de crack, mas era diferente, eu sabia que ele era diferente. Daiane achava que não, dizia ele é igual aos outros. Eu vou falar com o Nick. Falei: não Daiane não fala com o Nick não, ele pega o Maicon. Nick era primo da Daiane e todo mundo tinha medo dele na comunidade. Eu nem sei muito bem porque, mas até o meu padrasto morria de medo, pois um dia ele chegou bêbado bateu na minha mãe e o Nick falou pra ele: não gostei, se bater de novo vai perder, já era. O pessoal gostava do Nick. O Nick resolvia umas coisas e por isso eu pedi pra Daiane não contar pra ele mas ela disse eu vou contar não deixaria acontecer comigo o que acontecia com ela, mas o Maicon era bom ela não entendia e eu fiquei com muito medo. No dia seguinte era um sábado e o Maicon apareceu no beco com as mãos cortadas. Sangue e silêncio... O chão estava molhado de um vermelho parecido com o tapete de hibiscos da festa de Corpus Christi. Vermelho e profundo, o silêncio fazia barulho como se fosse um grito no Independência em dia de Galo na Libertadores. Ninguém sabe onde foram parar as mãos do Maicon. O Nick garante que nem imagina. O Maicon também jura que não sabe quem foi. As drogas tomaram conta de mim, as drogas tomaram conta de mim, repetia como se fosse o Eminem. Eu fiquei com pena do Maicon porque nem a polícia apareceu. O sargento Amorim falou que eles não se metem em guerra do tráfico. Daiane começou a namorar o Nick e disse que não vai mais ter manchas na perna. Quero ver. E, tipo, quero rir muito se chegar a ver. Mesmo porque guerra de tráfico nem vai parar no Juizado, é resolvida na lei do lugar. Com Nick não tem essa de eu gosto do jeito que você mente.

“Vermelho e profundo, o silêncio fazia barulho como se fosse um grito no Independência em dia de Galo na Libertadores.”



A arte de envelhecer

Rogério Medeiros Garcia de Lima
Desembargador do TJMG

“É digno de seu autor aquele verso de Sólon em que ele afirma: aproveita cada dia de sua velhice para adquirir novos conhecimentos.

Sim, nenhum prazer é superior ao do espírito.”

(Cícero, 'Saber Envelhecer')

Envelhecer é um processo natural na vida de todas as pessoas.

Segundo Cícero, é “a cena final dessa peça que constitui a existência”. (*'Saber Envelhecer'*, p. 65) Para Érico Veríssimo, “envelhecer é o preço que todos temos de pagar, se quisermos continuar vivos”. (*Solo de Clarineta*, p. 322)

Muitos, no entanto, não se conformam com o envelhecimento. Sobretudo no mundo contemporâneo, onde se propagam medicamentos, tratamentos e cirurgias para rejuvenescer a pele, os cabelos e até mesmo a sexualidade.

Profissionais, em geral, não lidam bem com a aposentadoria. Especialmente os magistrados, obrigados a aposentar aos 70 anos de idade (artigos 40, inciso II, e 93, inciso VI, da Constituição Federal de 1988).

Este ensaio mostrará que, contrariamente a essa perspectiva negativa, envelhecer é uma arte. Há vasta literatura sobre o tema.

Naufração ou renascimento?

Terêncio, escritor romano (185-159 a.C.), criou famosa sentença: “*senectus ipsa est morbus*” (“a senectude é por si só uma doença”; cf. HARVEY, 1987:483 e MAGALHÃES JÚNIOR, 1974:286).

Entretanto, o envelhecimento é um processo natural, gradativo e contínuo, que começa no nascimento e se prolonga por todas as fases da vida.

A idade de 65 anos foi estabelecida para definir uma pessoa como idosa. É a idade em que comumente, nas sociedades industrializadas, as pessoas se afastam do trabalho; ou se afastavam, porque essa prática está sendo revista na maioria dos países (*'Entenda o processo de envelhecimento'*, Portal Futuro Sob Medida, 16/01/2015).

No Brasil, o Estatuto do Idoso regula os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. Considera o envelhecimento “um direito personalíssimo e a sua proteção um direito social” (Lei nº 10.741/2003, artigos 1º e 8º).

Atualmente se apregoa o “envelhecimento saudável”, que não vem acompanhado de incapacidades ou doenças debilitantes. Desse modo, as pessoas mantêm uma vida ativa e salutar, até morrer de velhice.

O declínio de várias funções do corpo humano, em decorrência da idade, não é usualmente considerado doença. Todavia, será doença o declínio mental mais grave, que acarreta perda extrema da memória recente e da capacidade de aprender e compreender o ambiente.

Com o passar dos anos, o corpo humano sofre alterações notáveis. Frequentemente, os primeiros sinais de envelhecimento envolvem os músculos e o esqueleto. O desempenho físico começa a declinar por volta dos 35 anos, mesmo entre atletas de nível superior.

Os órgãos do sentido também manifestam sinais prematuros de declínio, como a presbiopia, em que os olhos não conseguem focar objetos a curta distância. É comum a necessidade de óculos bifocais a partir dos 40 anos.

Para a maioria das pessoas, a partir da meia-idade, há um acréscimo de cerca de 30% na proporção de gordura corporal. A distribuição da gordura também sofre alterações – menos gordura sob a pele e mais na região abdominal. Isso faz com que a pele se torne mais fina, enrugada e frágil e provoca mudanças no formato do corpo.

Nos países desenvolvidos, a expectativa média de vida aumentou consideravelmente no último século. Vários fatores afetam a longevidade. Um deles é a hereditariedade, cujo papel é fundamental na determinação da probabilidade de uma pessoa contrair uma doença.

Outro fator é o estilo de vida. Evitar fumar e abusar de álcool e drogas. Manter peso e dieta saudáveis. Praticar exercícios regulares. Isso tudo contribui para evitar doenças.

Fatores ambientais podem encurtar a expectativa de vida. Fatores econômicos definem o acesso das pessoas aos cuidados médicos disponíveis. Fatores sociais têm papel importante na saúde dos idosos. Pessoas de idade que mantêm contato social regular com o cônjuge, amigos ou interesses externos, apresentam nível mais baixo de problemas médicos.

Um alto grau de educação afeta o nível de saúde e é associado à detecção prematura das doenças.

Fatores psicológicos podem complicar as doenças de pessoas idosas. Por exemplo, um idoso pode ficar deprimido se a sua degeneração resultar em perda da independência ou se perder amigos ou entes queridos.

Por essas razões, os geriatras normalmente recomendam cuidados multidisciplinares, em que médicos, assistentes sociais, terapeutas e psicólogos planejam e implementam um programa de tratamento, sob a liderança de um médico responsável (*'Entenda o processo de envelhecimento'*, Portal Futuro Sob Medida, 16/01/2015).

Em suma:

“A morte é o nosso futuro. Se possível, também a velhice o é.” Pascoaes diz: “A criança é a máscara do velho”, lançando com esse dizer uma noite sobre a vida. (...)

“No tempo em que os políticos falavam da vida e da morte, De Gaulle disse que a velhice é um naufrágio. Tenho amigos para quem a velhice tem sido o encontro com um novo Eu: mais lento, mas mais sábio; mais prudente, mas mais atento. Outros, porém, enrolam os pés nela como numa passadeira rota: tropeçam, caem, partem o rosto. Como noutras situações, noutros riscos, noutros desafios, há quem saiba e quem não saiba fazer-lhe frente.” (José Manuel dos Santos, ‘Velhice’, 2008)

Lições bíblicas

No Antigo Testamento, ser feliz é viver bastante:

“À medida que o mal cresce, o homem é menos feliz, ou seja, vive menos; antes do dilúvio, vive-se de 700 a 1.000 anos; depois do dilúvio, de 200 a 600 anos; a partir de Abraão, de 100 a 200 anos; mais tarde, de 70 a 80 anos.” (Bíblia Sagrada, 1990, nota à pag. 18)

Matusalém, o personagem mais longevo do texto bíblico, teria vivido 969 anos. Era filho de Henoc e avô de Noé (*Gênesis* 5, 21,27).

A história de Rute é também ligada ao tema da velhice. Nascida pagã, a moabita Rute não tinha educação religiosa. Uma família de hebreus fugiu da carestia em Belém e passou a morar em Moab: Elimelec, sua esposa Noemi e os dois filhos, Maalon, e Quilion. Rute se casou com Maalon. Morreram Elimelec e os dois filhos. Da família restaram Noemi e as noras Rute e Orfa, viúva de Quilion. Noemi decidiu retornar a Belém. Rute quis acompanhar a sogra, apesar de Noemi insistir para que permanecesse em Moab:

“Não insista comigo. Não vou voltar, nem vou deixar você. Aonde você for, eu também irei. Onde você viver, eu também viverei. Seu povo será o meu povo, e seu Deus será o meu Deus. Onde você morrer, eu também morrerei e serei sepultada. Somente a morte nos poderá separar. Se eu fizer o contrário, que Javé me castigue!” (Rute 1, 16-17)

Enfim, a Bíblia Sagrada inclui, nos seus diversos Livros, valiosas citações sobre a velhice:

“Cabelos brancos são coroa nobre, quando se encontram no caminho da justiça.” (Provérbios, 16,31)

“Agora que estou velho e de cabelos brancos, não me abandones, ó Deus, até que eu descreva o teu braço à geração futura, tuas proezas e tuas sublimes vitórias, as façanhas que realizaste.” (Salmos, 71, 18-19)

“Até à velhice de vocês eu serei o mesmo, até que se cubram de cabelos brancos eu continuarei a carregá-los. Já fiz isso e continuarei a fazê-lo: eu os carregarei e os salvarei.” (Isaías, 46,4)

“Levante-se diante de uma pessoa de cabelos brancos e honre o ancião: tema a seu Deus. Eu sou Javé.” (Levítico, 19,32)

“Mesmo que tivesse tido cem filhos e vivido muitos anos, se não encontrou satisfação nos bens que possuía e nem mesmo teve um túmulo, garanto que um aborto é mais feliz do que ele.” (Eclesiastes, 6,3)

“Cabelos brancos
são coroa nobre,
quando se encontram
no caminho da
justiça.”

"Não me rejeites agora que estou na velhice, não me abandones quando me faltam as forças." (Salmos, 71,9)

"Setenta anos é o tempo da nossa vida, oitenta anos, se ela for vigorosa. E a maior parte deles é fadiga inútil, pois passam depressa, e nós voamos." (Salmos, 90,10)

"Mesmo na velhice dará fruto, estará viçoso e frondoso, para anunciar que Javé é reto, e que na minha Rocha não há injustiça." (Salmos, 92, 15-16)

"É por isso que nós não perdemos a coragem. Pelo contrário: embora o nosso físico vá se desfazendo, o nosso homem interior vai se renovando a cada dia." (2 Coríntios, 4,16)

"Não repreenda duramente um ancião, mas exorte-o como se fosse um pai." (1 Timóteo, 5,1)

Ficar velho sem estar sábio

A peça *'Rei Lear'*, uma das obras-primas do dramaturgo e poeta inglês William Shakespeare, escrita por volta de 1605, inspira-se em antigas lendas britânicas.

Lear era um idoso rei da Bretanha e decidiu dividir o reino entre as três filhas: Goneril, casada com o duque de Albany; Regan, casada com o duque da Cornualha; e Cordélia, filha favorita, pretendida pelo rei da França e pelo duque da Borgonha.

A fim de deliberar sobre a partilha, Lear solicitou às filhas que expressassem gratidão e amor pelo pai. Goneril e Regan bajularam o progenitor e afirmaram amá-lo mais do que qualquer coisa no mundo. Cordélia, por sua vez, contrariou as expectativas paternas e declarou amá-lo "como corresponde a uma filha, nada mais, nada menos".

Lear agastou-se com a resposta, deserdou Cordélia e a expulsou do reino. Ela foi entregue, sem dote, ao rei da França.

O duque de Kent tentou interceder por Cordélia e também foi banido. No entanto, Kent não partiu para o exílio. Retornou ao reino, disfarçado como "Caio". Colocou-se a serviço de Lear, abrigado na corte de Goneril.

O velho rei acabou expulso do palácio. Saiu na companhia apenas do Bobo da Corte e de "Caio" (Kent). Enfrentaram forte tempestade. Refugiaram-se numa cabana e Lear começou a apresentar sinais de loucura.

Kent levou Lear até o exército francês, onde reencontraram Cordélia. O velho rei recuperou parcialmente a razão e se arrependeu do seu comportamento no passado. A filha, apesar de tudo, não demonstrou rancor em relação ao pai.

Regan ficou viúva e Goneril planejou a morte de Albany, a quem desprezava por considerar débil.

Ao cabo de terrível trama, Cordélia foi enforcada. Lear morreu.

A obra possui interessantes citações, dentre as quais transcrevo:

"Lamentar uma dor passada, no presente, é criar outra dor e sofrer novamente."

"Tu não devias ter ficado velho antes de ter ficado sábio."

"Lamentar uma dor passada, no presente, é criar outra dor e sofrer novamente."

“O rancor é uma forma de estupidez. Com o tempo, já a perdoei. O tempo apaga tudo.”

Cada um vive no seu tempo

O escritor maranhense Josué Montello (1917-2006), ex-presidente da Academia Brasileira de Letras, escreveu o excelente romance *'Largo do Desterro'*.

Narra a história do major Ramiro Taborda, que sobreviveu a todos os seus contemporâneos. Usava chapéu alto, sobrecasaca e bengala de castão de ouro. Era lúcido, de passo firme e cabeça erguida.

Conheceu D. João VI e Getúlio Vargas. Andou de carruagem e automóvel. Assistiu à Comuna de Paris e à Segunda Guerra Mundial. Vivía quando as mulheres ousadas só podiam mostrar a ponta dos pés e quando começaram a exhibir os primeiros biquínis. Ora a arregalar os olhos espantados, ora a contrair intrigadamente as pálpebras: tinha a impressão de que os seus semelhantes endoideceram ou de que o doido era ele...

Viveu sua experiência existencial com a sensação de que a morte o esquecera.

“Há horas em que tenho saudades de meus pecados.” (frase da personagem Calu, amiga e confidente do Major, já envelhecida)

“Não há lágrimas que o tempo não enxugue.” (frase do major Ramiro Taborda)

“Por que é que Deus permite que o tempo nos maltrate, destruindo a beleza das mulheres, perturbando-nos o juízo, enrugando-nos a cara, tirando-nos a vitalidade? Não seria melhor que todos nós morrêssemos de repente, sem a provação da velhice? A velhice (...) é uma humilhação, um castigo abjeto, uma tortura implacável.” (major Ramiro Taborda)

“Mortos, todos mortos. E os que não morreram estão caducos. Dói, Padre Peixoto. Mas isto é a vida.” (major Ramiro Taborda lamentava a morte de amigos)

“A esta altura da vida, depois do muito que ouvi e testemunhei, estou convencida de que só a morte nos livra da degradação e da loucura. Não devemos ir ao encontro dela, mas aceitar com serenidade que ela venha ao nosso encontro. Quando

tiver de vir, que venha. Tudo tem seu termo. Ninguém morre gritando. Aos gritos, entra-se na vida. Mas sempre se morre em silêncio. É a lei de todos. Antes a morte, com a graça de Deus, do que continuar vivendo humilhada pela própria vida. Vida, só com saúde e lucidez.” (Calu)

“Na minha idade, não há mais tempo para mudanças.” (major Ramiro Taborda)

“Agora, com quem conversaria, nas noites de chuva? A quem contaria as suas alegrias, se ainda as tivesse? Ou suas dores, quando estas fossem fortes demais, pedindo-lhe um confidente? Seus parentes estavam mortos; seus amigos também. E o sentimento opressivo da solidão absoluta, que de repente se fechara em seu redor, deu-lhe a impressão de que somente ele subsistia na cidade abandonada. (...)

“Não compreendia por que Deus o poupava, alongando-lhe indefinidamente a vida. (...) Já vivera bastante. Vivera demais. Era tempo de sair do mundo. Que ficava fazendo ali? Sentia-se um inútil, com a sua longevidade excessiva.” (major Ramiro Taborda, que perdeu a filha, mas continuou vivo)

“Andei por toda a cidade e não encontrei ninguém do meu tempo.” (major Ramiro Taborda)

“O rancor é uma forma de estupidez. Com o tempo, já a perdoei. O tempo apaga tudo.” (major Ramiro Taborda)

“Há pessoas que começam a apodrecer antes da morte.” (major Ramiro Taborda)

“Eu não dou conselho a ninguém. Não, não dou. E por uma razão simples: cada vida é uma aventura pessoal. O que calha bem para este, para aquele não serve. Que cada um viva a sua vida como puder. Só lhe posso adiantar um pouco do que fiz, para meu uso e proveito, e o senhor ajuíza se a experiência lhe serve. Tive iras e rancores, como toda a gente: é o resto da fera primitiva que permanece conosco. Mas sempre me recusei a ser estivador de ódios. (...) Quando moço, tirei minhas forras. Mas depois vi que o melhor era ter paciência e esperar: o tempo é um carrasco implacável, que distribui castigos a frio. A morte não é a tortura final: é a grande anistia.” (major Ramiro Taborda)

“Ele já devia ter morrido. Aos 152 anos, o que fazia neste mundo? (...) Um sentimento mais vivo de solidão absoluta aguçou-lhe a sensibilidade, dando-lhe a impressão de que ele era no mundo um intruso, ou um retardatário, que já devia ter ido embora. Sentia-se isolado, no ermo de uma extensão infinita. E era em vão que olhava em seu redor, buscando um amigo de outrora, querendo achar um companheiro.” (parte final do romance)

Mestre Montello ensinou que não podemos viver muito além do nosso tempo...

Caráter é o problema, não a velhice

Cícero (Marcus Tullius Cicero, 106 a.C. - 46 a.C.) foi um grande estadista e orador romano (HARVEY, 1987:113-118).

‘Saber envelhecer’ é uma das suas mais notáveis obras literárias. Narra as preleções sobre a arte de envelhecer,

proferidas por Catão, o Velho, aos jovens amigos Cipião e Gaio Lélío.

Na dedicatória, escreveu:

“Senti tal prazer em escrever que esqueci dos inconvenientes dessa idade; mais ainda, a velhice me pareceu repetidamente doce e harmoniosa.”

Destaquei várias passagens desse instigante clássico da literatura romana:

“Os que não obtêm dentro de si os recursos necessários para viver na felicidade acharão execráveis todas as idades da vida.”

“Somos sábios se seguimos a natureza como um deus, curvando-nos às suas coerções. Ela é o melhor dos guias. (...) Pretender resistir à natureza não teria mais sentido do que querer – como os gigantes – guerrear contra os deuses.”

“Ouvi (...) dois antigos cônsules de minha geração queixarem-se amargamente de estarem privados dos prazeres sem os quais, supunham, a vida nada mais vale; ou, ainda, de serem agora negligenciados pelos mesmos que os honravam outrora. (...) É (...) ao caráter de cada um, e não à velhice propriamente, que devemos imputar todas essas lamentações. Os velhos inteligentes, agradáveis e divertidos suportam facilmente a velhice, ao passo que a acrimônia, o temperamento triste e a rabugice são deploráveis em qualquer idade.”

“As melhores armas para a velhice são o conhecimento e a prática das virtudes. (...) A simples consciência de ter vivido sabiamente, associada à lembrança de seus próprios benefícios, é uma sensação das mais agradáveis.”

“Platão (...) morreu aos oitenta anos em pleno trabalho de escrita.”

“Vejo quatro razões possíveis para acharem a velhice detestável. 1) Ela nos afastaria da vida ativa. 2) Ela enfraqueceria nosso corpo. 3) Ela nos privaria dos melhores prazeres. 4) Ela nos aproximaria da morte.”

“Não são nem a força, nem a agilidade física, nem a rapidez que autorizam as grandes façanhas; são outras qualidades, como a sabedoria, a clarividência, o discernimento. Qualidades das quais a velhice não só não está privada, mas, ao contrário, pode muito especialmente se valer.”

“Em Esparta, os magistrados mais importantes são ‘velhos’ que obtêm inclusive sua glória desse nome. E se vos derdes o trabalho de aprender um pouco de História estrangeira, vereis que numerosos Estados desmoreram por culpa de homens jovens, e que outros foram mantidos e restabelecidos por velhos. (...)”

Sem dúvida alguma, a irreflexão é própria da idade em flor, e a sabedoria, da maturidade.”

“E os juriconsultos? Os pontífices? Os áugures? Os filósofos? Certamente são idosos, mas que memória! Aliás, os velhos a conservam tanto melhor quanto permanecem intelectualmente ativos. (...) Quando já era bastante idoso, Sófocles escrevia ainda tragédias.”

“Cecílio está redondamente enganado quando nos diz: ‘Pior, na velhice, é sentir que desagradamos a todo o mundo! (...) Sólon, por exemplo, se deleita, em seus versos, de aprender todo dia alguma coisa nova ao envelhecer.”

“A falta de vigor. É o segundo inconveniente suposto da velhice. Confesso não sentir essa falta. (...) É preciso servir-se daquilo que se tem e, não importa o que se faça, fazê-lo em função de seus meios.”

“Jamais deveríamos lamentar os que ensinam os bons princípios, mesmo quando suas forças declinam ou enfraquecem. Aliás, esses enfraquecimentos físicos são com frequência mais imputáveis aos excessos da juventude que aos da idade madura. A herança de uma juventude voluptuosa ou libertina é um corpo extenuado.”

“Como o diz Homero: ‘De sua boca escorriam palavras mais doces que o mel’. Para essa espécie de doçura não há nenhuma necessidade de força física.”

“A vida segue um curso muito preciso e a natureza dota cada idade de qualidades próprias.”

“É preciso resistir à velhice e combater seus inconvenientes à força de cuidados; é preciso lutar contra ela como se luta contra a doença; conservar a saúde, praticar exercícios apropriados, comer e beber para recompor as forças sem arruiná-las. Mas não basta estar atento ao corpo; é preciso ainda mais ocupar-se do espírito e da alma. Ambos, com efeito, se arriscam ser extintos pela velhice como a chama de uma lâmpada privada de óleo. E se o corpo se afadiga sob o peso dos exercícios, o espírito se alivia exercitando-se. Quando Cecílio fala dos ‘velhos tolos de comédia’, ele pensa naqueles caquéticos, molengões, sem memória, defeito que não se deve imputar à velhice propriamente dita, mas a uma velhice preguiçosa, indolente e embotada.”

“A velhice é honrada na medida em que resiste, afirma seu direito, não deixa ninguém roubar-lhe seu poder e conserva sua ascendência sobre os familiares até o último suspiro.”

“Permaneço ativo. Dedicando nossa vida ao estudo, empenhando-nos em trabalhar sem descanso, não sentimos a aproximação sub-reptícia da velhice.”

“A busca desenfreada da volúpia é uma paixão possessiva, sem controle. Ela é a causa da maior parte das traições em relação à pátria, da queda dos Estados, das conveniências funestas com o inimigo. (...) É por causa dela que se cometem violações, adultérios e outras torpezas. Se a inteligência constitui a mais bela dádiva feita ao homem pela natureza – ou pelos deuses –, o instinto sexual é seu pior inimigo.”

“(Agradeço) também à velhice por nos livrar dessa deplorável paixão. A volúpia corrompe o julgamento, perturba a razão, turva os olhos do espírito, se posso me exprimir assim, e nada tem a ver com a virtude.”

“Ao renunciarmos aos banquetes, às mesas que desabam sob os pratos e as taças inumeráveis, renunciamos ao mesmo tempo à embriaguez, à indigestão e à insônia. Platão escreve formosamente

que (o prazer) é 'a isca do mal', os homens deixam-se fisgar por ele como peixes. Se a velhice deve evitar banquetes excessivos, ela pode muito bem desfrutar o prazer das refeições equilibradas."

"Sou grato, portanto, à velhice por ter aguçado meu gosto pela conversação, ao mesmo tempo que abrandava meu interesse pelos pratos e pelos vinhos."

"Alguém perguntava um dia a Sófocles, já idoso, se ainda lhe ocorria fazer amor. Ele deu esta resposta admirável: 'Os deuses me preservam disso! É com o maior prazer que me subtraí a essa tirania, como quem se livra de um mestre grosseiro e exaltado.'"

"É digno de seu autor aquele verso de Sólon em que ele afirma: aproveita cada dia de sua velhice para adquirir novos conhecimentos. Sim, nenhum prazer é superior ao do espírito."

"A autoridade natural, eis o verdadeiro coroamento da velhice! (...) Sua autoridade não se devia apenas ao que diziam, mas à maneira como sabiam, com um simples gesto, exprimir sua vontade. O prestígio dos velhos, sobretudo quando exercerem cargos públicos, compensa largamente todos os prazeres da juventude."

"Os cabelos brancos e as rugas não conferem, por si sós, uma súbita respeitabilidade. Esta é sempre a recompensa de seu passado exemplar."

"O tempo perdido jamais retorna e ninguém conhece o futuro. Contentemo-nos com o tempo que nos é dado a viver, seja qual for!"

"Assim como a morte de um adolescente me faz pensar numa chama viva apagada sob um jato d'água, a de um velho se assemelha a um fogo que suavemente se extingue."

"A maneira mais bela de morrer é com a inteligência intacta e os sentidos despertos, deixar a natureza desfazer lentamente o que ela fez."

"É desde a adolescência que convém se preparar para o desprezo da morte."

"A velhice (é) a cena final dessa peça que constitui a existência."

Tempo desperdiçado

Sêneca (Lucius Annaeus Seneca, 4 a.C. – 65 d.C.) foi um grande filósofo, e político romano (HARVEY, 1987:458-460). Legou-nos o livro clássico 'Sobre a brevidade da vida', escrito na forma de carta ao sogro Paulínio. Contém excelentes reflexões, por mim selecionadas em trechos:

"Não temos exatamente uma vida curta, mas desperdiçamos uma grande parte dela. A vida, se bem empregada, é suficientemente longa e nos foi dada com muita generosidade para a realização de grandes tarefas. (...) Desse modo, não temos uma vida breve, mas fazemos com que seja assim. Não somos privados, mas pródigos de vida. Como grandes riquezas, quando chegam às

mãos de um mau administrador, em um curto espaço de tempo, se dissipam, mas, se modestas e confiadas a um bom guardião, aumentam com o tempo, assim a existência se prolonga por um largo período para o que sabe dela usufruir."

"Alguns, sem terem dado rumo a suas vidas, são flagrados pelo destino esgotados e sonolentos, de tal maneira que não duvido ser verdade o que disse, como se fosse um oráculo, o maior dos poetas: 'Pequena é a parte da vida que vivemos'. Pois todo o resto não é vida, mas somente tempo."

"Vemos que já atingiste o fim da vida, tens cem ou mais anos. Vamos, faz o cálculo da tua existência. Conta quanto deste tempo foi tirado por um credor, uma amante, pelo poder, por um cliente. Quanto tempo foi tirado pelas brigas conjugais, (...) pelo dever das idas e vindas pela cidade. Acrescenta, ainda, as doenças causadas por nossas próprias mãos e também todo o tempo desperdiçado. Verás que tens menos anos do que contas."

"Deve-se aprender a viver por toda a vida e, por mais que te admire, durante toda a vida se deve aprender a morrer."

"Cada um se lança à vida, sofrendo da ânsia do futuro e do tédio do presente."

"Não julgues que alguém viveu muito por causa de suas rugas e cabelos brancos: ele não viveu muito, apenas existiu por muito tempo. Julgas que navegou muito aquele que, tendo se afastado do porto, foi pego por violenta tempestade e, errante, ficou à mercê dos ventos, ao capricho dos furacões, sem, no entanto, sair do lugar? Ele não navegou muito, apenas foi muito acossado."

O tempo do velho

Norberto Bobbio (1909-2004) foi um respeitado filósofo, historiador e político italiano. *Diário de um século: Autobiografia*, na minha opinião, é a sua melhor obra. Expõe um profundo balanço da vida, avançada em anos, a partir de privilegiada memória:

"Estou velho. (...) O último livro que publiquei (...) tem por título 'De senectude' (ed. bras. 'O tempo da Memória'). A cada dia que passa, sinto-me mais afastado, distante, desterrado, sem raízes. Tornei-me um velho no sentido pleno da palavra. Um velho que ama refletir sobre o passado, tentando fazer um balanço antes do fim."

"O tempo do velho é o passado. (...) E o passado revive na memória. O grande patrimônio do velho está no mundo maravilhoso da memória, fonte inesgotável de reflexões sobre nós mesmos, sobre o universo em que vivemos, sobre as pessoas e os acontecimentos que, ao longo do caminho, atraíram nossa atenção."

"O debruçar-se sobre o passado nasce da consciência de que chegamos ao fim da viagem."

"A velhice é indissolúvel do seu sentido de fim. Também você chegou ao encontro marcado com a morte. E percebe que não tem mais tanto tempo para fazer o balanço de sua vida. O interesse pelo

futuro diminui. O devir já não lhe pertence. Você sente, ao contrário, a necessidade de entender se sua vida teve um sentido, e qual foi.”

“O crescente desinteresse pelos acontecimentos políticos cotidianos advém também do fato de sentir-me cada vez mais absorvido pelas reflexões sobre os grandes problemas da vida e da morte, do bem e do mal. Já há alguns anos eu reunira uma série de artigos sobre questões morais em um pequeno volume, que recebeu o mesmo título do primeiro desses artigos, ‘Elogio della mitezza’ (‘Elogio da suavidade’), no qual a virtude da suavidade é interpretada como uma virtude por excelência não-política. Eu afirmava que a escolha desta virtude era uma reação à sociedade violenta na qual somos obrigados a viver, e acrescentava: (....)

‘Não que eu seja tão desprevenido a ponto de acreditar que a história humana tenha sempre sido um idílio: Hegel a definiria certa vez como ‘um imenso matadouro’. (...)

‘Identifico o suave com o não-violento, a suavidade como a recusa de exercer a violência contra quem quer que seja. Virtude não-política, portanto, a suavidade. Ou então, no mundo ensanguentado pelo ódio dos grandes e pequenos poderosos, a antítese da política”.

Gratidão em vez de medo

Oliver Sacks, renomado neurologista inglês, publicou artigo no jornal americano ‘The New York Times’, no qual revelou sofrer câncer terminal. Encerro este ensaio com um excerto lapidar do mencionado texto (‘Veja’, Editora Abril, 25.02.2015, p. 35):

“Eu não posso fingir que não estou com medo. Mas meu sentimento predominante é de gratidão. Amei e fui amado. (...) Li, viajei, pensei e escrevi. Eu tive uma relação especial com o mundo.”

Referências Bibliográficas

- *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Edições Paulinas, tradução, introdução e notas de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin, 1990.
- BOBBIO, Norberto. *Teoria Geral da Política*. Rio de Janeiro: Editora Campus, org. Michelangelo Bovero e trad. Daniela Beccaccia Versiani, 2000.
- _____. *Diário de um século: Autobiografia*. Rio de Janeiro: Campus, trad. Daniela Beccaccia Versiani, 2002.
- _____. *Teoria do Ordenamento Jurídico*. Brasília: Editora UnB, trad. Maria Celeste Cordeiro Leite dos Santos, 8ª ed., 1996.
- CÍCERO. *Saber Envelhecer*. Porto Alegre: L&PM, trad. Paulo Neves, 1999.
- Entenda o processo de envelhecimento. Portal Futuro Sob Medida, disponível em <http://www.futurosobmedida.com.br/Saude/entendaoprocessodeenvelhecimento.php#VLmNvRtATWE>, acesso em 16.01.2015.
- HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica Grega e Latina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, trad. Mário da Gama Cury, 1987.
- MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos*. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 3ª ed., 1974.
- MONTELLO, Josué. *Largo do Desterro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2ª Ed., 1981.
- SANTOS, José Manuel dos. *Velhice*. Guarda, Portugal: jornal O Interior, edição de 15.05.2008, seção Opinião.
- SÊNECA. *Sobre a brevidade da vida*. Porto Alegre: L&PM, trad. Lúcia Sá Rebello, Ellen Itanajara Neves Vranas e Gabriel Nocchi Macedo, 2006.
- SHAKESPEARE, William. *Rei Lear*. Porto Alegre: L&PM, trad. Millôr Fernandes, 2002.
- VERÍSSIMO, Érico. *Solo de Clarineta*. Porto Alegre: Editora Globo, vol. 2, 1976.

“Deve-se aprender a viver por toda a vida e, por mais que te admires, durante toda a vida se deve aprender a morrer.”



Rondo Hatton, o verdadeiro ‘Quasímodo’ de Hollywood

Matheus Chaves Jardim
Desembargador do TJMG

As técnicas de maquiagem utilizadas no cinema remontam aos primórdios da indústria de entretenimento e seu emprego, na maioria das vezes, ofusca a própria interpretação dos atores, embaçados por massas moláveis, pós faciais, *scars skin*, *pancakes*, dentre outros implementos destinados à indústria do make up, já combatida em face da adoção dos modernos recursos da computação gráfica.

Dentre o inesgotável rol de maquiadores poderiam ser mencionados, em atenção à popularidade dos caracteres faciais insculpidos aos rostos dos atores, Jack Pierce (*Frankeinstein*, de 1931), Mel Berns (*King Kong*, de 1933), Perc Westmore (*O Corcunda de Notre Dame*, de 1939), Jack Down (*Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, de 1941), Dick Simith (*O Exorcista*, de 1973), Michael Morris (*O Homem Elefante*, de 1980) e, mais recentemente, Chris Wallas (*A Mosca e sua continuação*, ambos de 1989).

Se a desfiguração de rosto ou de qualquer parte do corpo sempre constituiu elemento necessário a incutir ares malevolentes às personagens, o que dizer de pouco conhecido ator, cuja deformidade facial provocada por acromegalia levava-o às telas despido de qualquer recurso de maquiagem, bastando a sua presença em cena para evocar ao público pavor e inquietação? Fosse retratada pelo cinema a vida de Rondo K. Hatton (1894-1946) o tema, por certo, despertaria maior interesse midiático que aquele causado pelos desonrosos papéis destinados ao ator em obscuras produções de baixíssimo orçamento lançadas pela Universal na segunda metade da década de 1940.

Dotado de porte atlético invejável, notabilizara-se o prodigioso Hatton como astro do football americano, sendo eleito, pelo escrutínio feminino, por duas vezes consecutivas, o mais atraente dentre os alunos da Hillsborough High School, na qual fora matriculado no ano de 1903 pelos orgulhosos pais Stewart Price e Emily Zawinh Hatton. O invejável porte físico rendera ao jovem notoriedade em todo o meio esportivo da Flórida, no qual passara a fulgurar não apenas na condição de atleta, mas, ainda, como respeitável comentarista do periódico Tampa Tribune, em cujas páginas tecia pormenorizadas análises sobre diversificadas modalidades desportivas.

Dividem-se os pesquisadores quanto à origem da moléstia a conduzir Rondo Hatton ao execrando de dor e a levá-lo, numa conjunção excepcional de fatores, às telas do cinema, onde estigmas físicos de sua degeneração fizeram-se exibidos de forma impiedosa. Para uns, os distúrbios teriam se iniciado a partir da inalação de “gás mostarda” em território alemão, para o qual fora enviado no ano de 1920, tão logo engajado às forças da guarda nacional no apogeu da primeira guerra mundial. Para outros, a anomalia derivara da eclosão de tumor na hipófise, a determinar o desenvolvimento anormalmente grande das

“Se a desfiguração de rosto ou de qualquer parte do corpo sempre constituiu elemento necessário a incutir ares malevolentes às personagens.”

extremidades corporais, fenômeno cuja ocorrência verificar-se-ia independentemente da inalação tóxica em campo de batalha.

Fossem quais fossem as origens da moléstia, as transformações fisionômicas brutais impingiram ao ator a mácula indelével da doença, traduzida pelo gradativo agigantamento facial e do crescimento exagerado do volume do tórax, do nariz e dos lábios. Aos primeiros sinais da moléstia, Elizabeth Immel James, uma de suas ardorosas fãs, com quem se casara no ano de 1926, dele se divorciara, abalada pela manifestação mórbida da acromegalia a desfeiar as feições do esposo.

No ano de 1930, ainda engajado ao Tampa Tribune, Hatton fora enviado à ilha de Rock Point, bem próxima a Tampa, para cobrir as filmagens de *Hell Harbour*, dirigido por Henry King, sendo convidado a integrar o elenco como leão de chácara de um bar localizado na região portuária. Tivera início para Hatton verdadeira maratona de pequenas aparições em produções em longa metragem, nas quais sequer era mencionado como integrante do cast. No clássico *O Corcunda de Notre Dame*, de 1939, por exemplo, o rosto do ator, já pronunciadamente marcado pelos efeitos da moléstia, pode ser visto insinuando-se

“Desde o ano de 2002, estabeleceu-se a premiação anual Rondo Hatton Awards, conferida aos melhores filmes, documentários, restaurações, livros, enfim, toda a arte relacionada à cinematografia de terror.”

através de caixilho acoplado bem defronte à catedral, na cena em que a multidão, em delírio, elege o mais pavoroso dos cidadãos parisienses, “distinção” conferida a ‘Quasímodo’, magnificamente interpretado pelo ator britânico Charles Laughton (filme integralmente disponível no YouTube).

A primeira atuação efetivamente creditada a Hatton se dera no filme de Sherlock Holmes, de 1944, intitulado *Pearl of Death (A Pérola Negra)*, no qual desempenhara o papel de Hoxton Creeper, uma besta-fera responsável por uma série de assassinatos, morta a tiros pelo ilustre detetive ao final da trama. No ano seguinte, Hatton compusera o elenco de outro filme de *Sherlock Holmes, The Spider Woman Strakes Back*, no qual interpretara Mário, o assistente mudo da mulher responsável pela alimentação de planta carnívora, em cujo caule era introduzido sangue drenado das vítimas assassinadas pelo malévolo personagem.

Mas foram os dois de seus últimos filmes a renderem a Hatton certo prestígio em sua desafortunada carreira cinematográfica. Em *House of Horror*, de 1945, o ator é desestimulado de se arremessar de uma ponte por um ilustre escultor, sendo, enfim, resgatado ao ateliê do artista, onde sua fisionomia fora retratada em pedra como o perfeito *Homem de Neanderthal*. Em *The Brute Man*, de 1946, lançado após sua morte, um desfigurado psicopata adentra a casa de professor de piano cego, surpreendendo-se a complacência do músico, não afetado pelas pavorosas feições exibidas pelo invasor, estabelecendo-se entre o pianista e o homicida inusitada relação de cumplicidade.

Nos tempos atuais, regidos pela ótica do “politicamente correto”, seria inimaginável a exposição das degenerações físicas de atores ao propósito de infundir pânico às audiências. A própria Universal, temerosa ante a possibilidade de acusações quanto à sórdida exploração da doença de Hatton, vendera os direitos de *The Brute Man* à PRC, acanhada produtora de filmes ‘B’, integrante do chamado *Poverty Row* (cinturão da pobreza) de Hollywood, ao qual também se filiavam as não menos combatidas Monogram e Republic.

Falecera o ator em data de 2 de fevereiro de 1946, aos 52 anos de idade, oito meses antes da estreia de *The Brute Man* no circuito comercial de Hollywood. O súbito ataque cardíaco do qual padecera o ator, di-lo a literatura médica, constitui acontecimento diretamente relacionado à acromegalia, como o são as disfunções respiratórias e as neoplasias.

Desde o ano de 2002, estabeleceu-se a premiação anual *Rondo Hatton Awards*, conferida aos melhores filmes, documentários, restaurações, livros, enfim, toda a arte relacionada à cinematografia de terror, constituindo o troféu a miniatura em bronze do busto do ator, tal como esculpido no filme *House of Horror*, de 1945. Dentre os filmes agraciados na décima edição do evento, destacam-se *Atividade Paranormal 3, A Coisa* e *O Levante no Planeta dos Macacos*.

NORMAS PARA ENVIO DE ORIGINALS

MagisCultura é uma Revista da Associação dos Magistrados Mineiros (Amagis), destinada à publicação da produção cultural de juízes e desembargadores de Minas Gerais, em exercício ou aposentados.

Serão aceitos para publicação textos de ficção – contos, crônicas, pequenas novelas, poemas – ou de estudos – artigos, ensaios, resenhas – ou, ainda, ilustrações – fotografias, pinturas, reprodução de esculturas.

Não serão publicados textos de teses políticas, discursos, homenagens pessoais e necrológicos.

A seleção dos trabalhos será feita pelo Conselho Editorial (ver nomes no Expediente).

Os textos deverão ser enviados devidamente digitados, pelo endereço eletrônico da Revista (magiscultura@amagis.com.br) e conter o máximo de 10 mil caracteres.

As ilustrações deverão ser enviadas em formato compatível com a publicação e com resolução mínima de 300 dpi.

Os prazos para envio dos trabalhos serão divulgados pelo *site* e demais veículos de comunicação da Amagis.



Ciente de seu papel social, a AMAGIS também se preocupa com a preservação do meio ambiente: esta revista foi impressa em papel reciclado (70% pré-consumo, 30% pós-consumo) com certificação florestal, atestando que foi produzido de forma ecologicamente adequada, socialmente justa e economicamente viável, razão pela qual ostentamos o selo verde FSC.



Endereço para correspondência:

R. Albita, 194 . Cruzeiro
Belo Horizonte . MG
CEP 30310-160
Tel.: 31 3079-3453
magiscultura@amagis.com.br

www.amagis.com.br

Apoio Cultural



A Melhor Energia do Brasil.

ISSN 1984508-1



9 771984 508004